



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JACICA HELENA LOPES FERNANDES

**EXPERIÊNCIAS DO ENSINO BILÍNGUE NA ILHA DE SANTIAGO -
CABO VERDE: PERSPECTIVAS E DESAFIOS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

JACICA HELENA LOPES FERNANDES

**EXPERIÊNCIAS DO ENSINO BILÍNGUE NA ILHA DE SANTIAGO -
CABO VERDE: PERSPECTIVAS E DESAFIOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura da
UNILAB/Campus dos Malês, para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Rita de Cassia Santos Barbosa.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

F399e

Fernandes, Jacica Helena Lopes.

Experiências do ensino bilíngue na Ilha de Santiago - Cabo Verde : perspectivas e desafios /
Jacica Helena Lopes Fernandes. - 2022.

79 f. : il.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Rita de Cássia Santos Barbosa.

1. Dialetos crioulos - Estudo e ensino - Ilha de Santiago (Cabo Verde). 2. Educação bilíngue
- Ilha de Santiago (Cabo Verde). 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Ilha de Santiago
(Cabo Verde). I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.796658

JACICA HELENA LOPES FERNANDES

**EXPERIÊNCIAS DO ENSINO BILÍNGUE NA ILHA DE SANTIAGO -
CABO VERDE: PERSPECTIVAS E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito para obtenção de título de Graduação.

Aprovado em: 09/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Rita de Cassia Santos Barbosa. (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr. Alexadre Antonio Timbane

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico esse trabalho a toda minha família, em especial a minha mãe, que sempre lutou e continua lutando por mim e por meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Nenhum obstáculo será grande se a nossa vontade de vencer for maior. Certamente o sucesso é a soma dos pequenos esforços repetidos dia após dia. Primeiramente agradeço a Deus, aos meus ancestrais, a minha família em especial a minha mãe (Cisa) e a minha querida e eterna avó (Joana) pela minha gratidão. Quero compartilhar essa conquista com estes que sempre estiveram presente na minha vida, à minha professora orientadora Ana Rita minha gratidão por ter me auxiliado durante esse percurso, aos demais professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica e a minha gratidão também, da mesma forma gostaria de agradecer a todas as minhas amigas e amigos por estarem comigo nessa caminhada. Pois, mesmo estando longe de casa e da família, estes não me deixaram sentir só, sempre tive um “ombro amigo” me ajudando no que podiam. Graças à minha força de vontade, e com a ajuda das amigas e amigos eu pude terminar de escrever a minha monografia, por isso deixo o meu agradecimento a vocês todos que de uma forma direta ou indireta contribuíram para a construção e materialização desse trabalho (Giselli, Yourssany, Sônia, Sabado, Avelino, João, Ju, Nilton, Dany, Walter, Manuel, Virginio, Danilo, Nádia, Edu, Fernando, Mirian, Eurizadro, Batican, Elio, Michel, Yacine, Segunda), entre outros que não mencionei os nomes, aqui minha eterna gratidão.

Cada uma e cada um de vocês que contribuíram e ainda contribuem para a construção do meu ensino e aprendizagem, meu muito obrigado. Certamente essa conquista não seria possível sem ajuda de vocês, contudo ela não é somente minha, mas “nossa”.

“Jamais poderão aprisionar nossos sonhos” (Lula da Silva)

RESUMO

Na atualidade muito tem se discutido sobre o ensino bilíngue e sua importância e relevância no processo de ensino e aprendizagem. O presente trabalho discutiu a experiência do ensino bilíngue desenvolvido em uma das escolas localizada no interior da ilha de Santiago (Cabo Verde) no período de 2013-2016 com o intuito de compreender o funcionamento da proposta pedagógica de ensino bilíngue desenvolvida nessa escola. Por outro lado, buscou verificar quais foram os desafios enfrentados pelos profissionais da educação dentro e fora da sala de aula durante essa experiência e, do mesmo modo, tentou perceber como se deu a formação dos professores para atuar com o ensino bilíngue e compreender a disparidade existente na sociedade Caboverdiana no que se refere ao ensino da língua crioula e da língua portuguesa dentro do sistema de ensino. Para tanto, do ponto de vista teórico, trabalhamos com estudos de pesquisadoras e pesquisadores que vêm debruçando sobre essa temática, como no caso de Veiga (2015), Tavares (2020), Rosa (2017), Timbane (2013), entre outros. Metodologicamente, para atingirmos os objetivos previamente estabelecidos quanto a natureza dessa pesquisa, optamos por um estudo qualitativo de caráter exploratório. Com relação ao instrumento da pesquisa, utilizou-se a entrevista semiestruturada, que nos possibilitou ter um maior contato com dois profissionais que vivenciaram a experiência bilíngue desenvolvida em Cabo Verde há alguns anos. Com relação aos resultados da pesquisa, compreende-se que tal experiência de ensino, apesar de ter sido desafiadora em alguns aspectos, trouxe resultados positivos em relação ao nível de aprendizagem dos alunos. Os dados da pesquisa confirmam os benefícios do ensino bilíngue e a necessidade e a relevância da implementação da língua materna dentro do sistema de ensino.

Palavras-chave: Dialetos crioulos - Estudo e ensino - Ilha de Santiago (Cabo Verde). Educação bilíngue - Ilha de Santiago (Cabo Verde). Língua portuguesa - Estudo e ensino - Ilha de Santiago (Cabo Verde).

RISUMU

Gosi sa ta diskutidu txeu sobri insinu bilingui y si relevância na prosesu di insinu y aprendizagi. Kel trabadju li ta diskuti sperensia di insinu bilingui ki disinvolidu na um skola ki fika localizadu na intirior di Santiago (kabuverdi) na piriudu di 2013/2016, ku intuitu di komprende modi ke funciona pruposta Pidagógiku di insinu bilingui dizenvolidu na kel skola. Pa otu ladu, nu buska virifika kas ki foi disafiu infrentadu pa profisionaz di idukason dentu y fora di sala di aula duranti kel sperencia, di mesmu forma, nu tenta prizebi modi ki kontisi formason di prusoris pa podi trabadja ku insinu bilingui, komprende disparidadi ki i xisti na sociedadadi Kabuverianu na o ki ta riferi a insinu na lingua kriola y na língua purtuguez dentu di sistema di insinu. Unton, di pontu di vista teoriku, nu trabadja ku pisquisa di kampu y ku pisquisadoris y pisquisadoras ki tem stadu ta diskuti kel assunto li, komu na kasu di Veiga (2015), Tavares (2020), Rosa (2017), Timbane (2013), entri otus pisquisadoris di aria. Metodologikamenti pa nu atingi kes objetivus ki nu poi na trabadju, kantu a natureza di pesquisa nu opta fasi um studu kualitativu, ku relason a instrumentu di pisquisa nu uza intrevista simistruturada, undi ki pusibilitanu a ten maz txeu kontatu ku doz di profisiniais ki vivensia kel sperensia bilingui dizenvolidu na Kabuverd. Ku relason a risultadu di pusquisa nu komprende ma kel sperensia di insinu ma apesar de ser disafiador na alguns aspetu eh tivi risultadu pusitivu ku relason a nivel di aprovetamentu y aprendizagi di alunus. Dadus di pisquisa ta mostra nisisidadi i rilivansia di poi lingua maternu dentu di sistema di insinu.

Palavras-chave: Insinu bilingi. Lingua kriola/kabuverdianu y purtuguesa. Sistema di insinu.

ABSTRACT

Currently, much has been discussed about bilingual education and its importance in the teaching and learning process. In order to understand the functioning of the pedagogical proposal of bilingual education developed in this school. On the other hand, it sought to verify what were the challenges faced by education professionals inside and outside the classroom during this experience and, in the same way, tried to understand how teachers were trained to work with bilingual education, understand the existing disparity in Cape Verdean society with regard to the teaching of Creole and Portuguese within the education system. Therefore, from a theoretical point of view, we work with research researchers and researchers who have been focusing on this theme, as in the case of Veiga (2015), Tavares (2020), Rosa (2017), Timbane (2013), among other researchers from the area. Methodologically, in order to achieve the objectives previously established regarding the nature of this research, we opted for a qualitative study. Bilingual developed in Cape Verde. Regarding the research results, it is understood that such a teaching experience, despite having been challenging in some aspects, the results were positive in relation to the students' learning level, the research data confirm the need and relevance of implementing the mother tongue within the education system.

Keywords: Bilingual education - Santiago Island (Cape Verde). Creole dialects - Study and teaching - Santiago Island (Cape Verde). Portuguese language - Study and teaching - Santiago Island (Cape Verde).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CAPÍTULO I - O CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO DE CABO VERDE E A REALIDADE DE ENSINO	18
2.1	IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	18
2.2	BREVES REFLEXÕES SOBRE O SURGIMENTO E A FORMAÇÃO DO CABOVERDIANO (CRIOULO)	22
2.3	TENSÕES RELACIONADAS À POLÍTICA LINGUÍSTICA EM CABO VERDE	23
3	CAPÍTULO II – O ENSINO BILÍNGUE NOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA (PALOP): OS CASOS DE CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU E MOÇAMBIQUE. PERSPECTIVAS E DESAFIOS	26
3.1	A IMPORTÂNCIA DO ENSINO BILÍNGUE NOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA	26
3.2	O CASO DA EXPERIÊNCIA BILÍNGUE EM GUINÉ-BISSAU	28
3.3	A EXPERIMENTAÇÃO DO ENSINO BILÍNGUE EM MOÇAMBIQUE	29
3.4	ENSINO BILÍNGUE EM CABO VERDE E SUAS EXPERIÊNCIAS NAS ESCOLAS	30
4	CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA	37
4.1	FORMAÇÃO DE PROFESSORES	37
4.2	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS <i>VERSUS</i> MATERIAIS DIDÁTICOS	41
4.3	BENEFÍCIOS DA EXPERIÊNCIA BILÍNGUE	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	Referências	55
	Apêndices	58

1 INTRODUÇÃO

O ensino em Cabo Verde enfrenta diversos desafios, principalmente no que tange às línguas utilizadas para transmissão de conhecimento entre o educando e o educador, bem como as trocas de experiências e informações entre os discentes nas salas de aulas. A língua oficial de ensino é o português (constituição da República de Cabo Verde 2010, o artigo 9º), embora a maioria dos estudantes se comunique na língua caboverdiana, denominado “Crioulo”, que desde 1975, após a conquista da independência, iniciou os debates sobre o processo da sua oficialização. Tal debate tem gerado divisões de opiniões em Cabo Verde, o que torna a necessidade da introdução do bilinguismo no sistema de ensino, como forma de conscientizar a população e pesquisadores sobre a relevância da sua oficialização.

O presente trabalho busca compreender o funcionamento da proposta pedagógica de ensino bilíngue desenvolvida em uma das escolas localizada no interior da ilha de Santiago – Cabo Verde. De forma complementar, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: 1. Identificar quais textos estão presentes em crioulo caboverdiano e em português no material didático utilizado pela escola; 2. Verificar quais foram e tem sido os principais desafios enfrentados pelos profissionais da educação dentro e fora das salas de aulas, durante o ensino bilíngue; 3. Compreender como se dá a formação dos professores para atuar com o ensino bilíngue em Cabo Verde.

Cabo Verde é um país localizado na Costa Ocidental do Continente Africano, constituído por dez ilhas e cinco ilhotas, com uma distância aproximadamente de 500 km do Senegal. Apesar do foco da nossa investigação não é debater a descoberta das ilhas, é oportuno salientar que existem várias hipóteses em torno dos possíveis descobridores, do mesmo modo, existem outras ondas de debates que questionam se de fato as ilhas eram inabitadas antes da oficialização da chegada dos colonos portugueses (FERREIRA, 1997).

Embora as condições de subalternização e dominação que os então escravizados e/ ou nativos africanos foram submetidos durante séculos, é oportuno elencar que no período colonial os colonizadores portugueses instalaram as primeiras escolas-seminários em algumas ilhas de Cabo Verde, o que contribuiu na formação inicial de uma elite política e econômica entre alguns nativos.

Segundo Veiga (2009), o arquipélago possui uma situação linguística de duas línguas, em que se tem o crioulo Caboverdiano e a língua portuguesa. A língua Portuguesa surgiu desde a época do seu povoamento em 1460; contudo, o povoamento das ilhas aconteceu em épocas

diferentes: as primeiras ilhas foram povoadas no século XV e as últimas nos meados até o final do século XVIII.

Conforme salienta Veiga (2009), durante alguns períodos da história a comunicação era escassa e a mobilidade social era quase nula, daí que a situação geográfica e social favorecia a formação de variedades dialéticas. Ora, esse cenário leva muitos pesquisadores Caboverdianos nessa área a afirmarem que para além de existir o bilinguismo em Cabo Verde, também existe uma situação de diglossia¹. À primeira vista, se observarmos, a situação linguística nos parece de bilinguismo, embora não exista um real bilinguismo se paramos para analisar, visto que bilinguismo exige o domínio efetivo de duas línguas e em Cabo Verde existem pessoas que não falam e nem escrevem o português.

De acordo com Torquato (2009), a língua portuguesa no arquipélago surgiu com a chegada dos portugueses durante o período da colonização. Após a independência de 1975, o governo Caboverdiano interveio sobre a situação linguística do país, determinando a Língua Portuguesa (LP) como sua língua oficial. Deste modo, esta passou a ser considerada a língua de prestígio, a dita língua “formal”, passando a ser utilizada na administração e na educação desde a independência. Por outro lado, temos o crioulo Caboverdiano que é a língua materna, a língua que as pessoas usam diariamente para se comunicarem no dia a dia uns com os outros, porém não é permitido e nem “apropriado” usar o crioulo na sala de aula, mesmo sendo a língua materna dos Caboverdianos. Pode-se dizer que o crioulo Caboverdiano é a língua das tradições, da oralidade e principal meio de expressão musical dos artistas locais.

Tendo em conta o contexto histórico do país, percebe-se que a língua crioula deveria usufruir dos mesmos prestígios sociais que a língua portuguesa, sendo que a língua portuguesa deveria ser utilizada como segunda língua e não como língua oficial, uma vez que em Cabo Verde as pessoas só vão ter o primeiro contato com a língua portuguesa a partir do momento que frequentam a escola. Tenciona-se que essa situação chega a ser uma violência para os alunos, portanto, a primeira língua de contato apreendido é o crioulo, a partir do momento que o/a aluno/a frequenta uma escola depara-se com outra língua, que por sua vez, não é utilizada cotidianamente, sendo, portanto, estranha para a nossa comunicação e compreensão.

Eu como Caboverdiana sinto isso durante a minha trajetória escolar, que vai desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Posteriormente, já na universidade, eu me lembro de que quando fiz o componente de “Alfabetização e Letramento nos Países da Integração”, quando a

¹ Segundo o dicionário diglossia significa - uso linguístico de duas línguas, sendo que o uso de uma depende da situação comunicativa da outra.

professora nos pediu para cantar uma música em crioulo Caboverdiano, eu não recordava porque as músicas que aprendi na escola eram praticamente todas em português, e a maioria delas refletiam o que era ensinado aqui no Brasil. Durante o meu Ensino Fundamental até o meu Ensino Médio, passando por dois cursos médios profissionalizantes, os conteúdos eram todos em português também. Ali os professores tinham uma exigência maior em fazer com que os alunos se dedicassem em “falar bem o português” em detrimento da língua materna, chegando-se ao ponto de proibir que se falasse o crioulo na sala de aula, o que dificultava e dificulta muito a compreensão dos estudantes.

Por conseguinte, se nota um silenciamento por parte dos alunos dentro da sala de aula, que podem ser associados à vergonha e ao medo de errar no pronunciamento das palavras em português. “Há evidências empíricas de que às vezes o aluno tem vontade de falar, mas prefere ficar calado” (ROSA, 2017, p.8). Pois quando alguém falava e errava, este já era um motivo de risada por parte dos demais colegas na sala. Isso acontece porque fomos ensinados a ter vergonha da nossa própria língua e a valorizar a língua do outro, de pensar que apenas quem sabia ler e falar corretamente a língua portuguesa era inteligente, tanto é que a gente quase não escreve e não produz nada em crioulo. No meu caso, só passei a escrever em crioulo quando comecei a usar as redes sociais.

Exemplificando, relata-se o caso de uma prima que abandonou os estudos porque a língua lhe dificultava muito, tinha uma vontade enorme de aprender, porém a língua portuguesa era uma barreira no seu aprendizado. Falo isso porque quando lhe explicava em casa no crioulo ela entendia perfeitamente. Tive uma professora no Ensino Médio que gostava de nos falar o seguinte: “quando forem para casa ao invés de falar crioulo comecem a praticar o Português em casa”, isso porque no cotidiano, apenas é falado o crioulo. É nesse contexto que essa pesquisa se posiciona, com intuito de perceber a importância do ensino bilíngue para o ensino caboverdiano.

Como ocorrido na maioria dos países africanos, a colonização deixou sequelas profundas nos países colonizados e Cabo Verde não foge à regra. O país foi colônia portuguesa por aproximadamente cinco séculos, cuja uma das marcas presentes nos dias atuais é a língua oficial do arquipélago – a Língua portuguesa, embora após a independência política, o discurso que circulava e circula até nos dias atuais em diferentes espaços, era o da descolonização total e re-africanização das mentes. Nesses preceitos, Veiga (2016, p. 52) considera que:

[...] a ideologia anticolonial adotada pela nova elite [pós-independência] apresentou um sério limite, capaz de comprometer por inteiro o desafio da descolonização do pensamento, visto que mesmo com a ideia de re-africanização dos espíritos

continuaram a lecionar na língua dos colonizadores e os materiais didáticos continuam sendo os mesmos.

Diante disso, coloca-se a seguinte questão: como descolonizar um país cujo material didático e língua das instituições e debates oficiais é produzido e promovido a partir da língua herdada do colonizador? Em resposta, Fanon (2008) afirma que “falar é estar em condições de empregar certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é, sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33). Nessas perspectivas, presume-se que a descolonização total e unilateral só seria possível quando os caboverdianos abrirem espaços para se comunicar e produzir materiais didáticos na sua língua materna – o caboverdiano (crioulo), o que torna urgente a oficialização da língua materna cabo-verdiana, de modo a romper com a civilização portuguesa.

Numa entrevista dada pela antiga ministra da educação, Ondina Ferreira, em 2015, ela defende que o caboverdiano (crioulo) é muito falado em casa, na administração pública e na própria comunicação social. Por isso, Ferreira não vê a necessidade de aprovar a introdução do bilinguismo no sistema de ensino. Em contrapartida, a linguista Caboverdiana Adelaide Monteiro (2015) afirma que demorou a se pensar na oficialização do crioulo e na introdução do bilinguismo no sistema de ensino. Para ela isso seria uma forma de valorizar a língua materna. Monteiro tenta desmistificar a ideia de que o ensino do crioulo possa atrapalhar a língua portuguesa como alguns caboverdianos vêm alegando.

Ela parte do pressuposto de que a oficialização da língua caboverdiana não é sinônima de exclusão da atual língua oficial, mas, pelo menos, abre possibilidades de debates para introdução oficial de um Estado bilíngue em todas as áreas e setores. Isto é, a questão aqui não é que a língua portuguesa deva ser excluída, mas elevar a língua caboverdiana ao mesmo nível que o português e romper com essa hierarquização linguística existente no arquipélago. É neste contexto que surge essa pesquisa, cuja ênfase maior é entender os desafios da implementação do bilinguismo educacional em Cabo Verde, bem como compreender a disparidade existente na sociedade Caboverdiana no que se refere ao ensino da língua crioula e da língua portuguesa dentro do sistema educacional.

O presente trabalho de pesquisa está dividida em três capítulos: o primeiro capítulo, para além de descrever a parte introdutória e metodologia, faz uma abordagem bibliográfica discutindo o contexto sociolinguístico de Cabo Verde, enquanto o segundo capítulo aborda a importância do ensino bilíngue nos países africanos de língua portuguesa, mais concretamente em Moçambique e Guiné-Bissau, assim como a experiência do ensino bilíngue desenvolvida

em Cabo verde. Já o último capítulo descreve os resultados e a discussão da pesquisa desenvolvida.

Em seguida apresenta-se a metodologia utilizada, envolvendo uma escola pública Caboverdiana e por fim o capítulo de análise e discussões dos resultados obtidos. Pretende-se com este trabalho analisar como foi a experiência bilíngue desenvolvida em Cabo Verde, identificar os desafios e os resultados obtidos pela escola assim como por parte dos alunos e professores durante essa experiência, por outro lado este trabalho nos instiga a refletir a realidade do sistema educativo em Cabo Verde, dando ênfase a de ensino e aprendizagem dos alunos e não só, do mesmo modo tenciona-se refletir sobre o currículo escolar que por hora é eurocêntrico e não contempla a realidade dos alunos, tendo em conta a língua materna os materiais didáticos entre outros elementos que trabalha as diversidades e especificidades pautando numa educação inovadora e emancipatória.

Essa pesquisa fundamenta-se em uma abordagem interdisciplinar no campo das Ciências Humanas, especificamente na área da educação, proporcionando uma discussão com outras áreas de conhecimento, partindo de uma análise exploratória sobre a experiência de ensino bilíngue implementado em uma das escolas básica localizadas na Ilha de Santiago (Cabo Verde). Presume-se que, a interdisciplinaridade ajuda a proporcionar novas formas de produção de conhecimento que enriquecem e ampliam o campo da ciência moderna, auxiliando nas trocas, teorias e metodologia (JUNIOR e PASCUTTI, 2009).

Nesse sentido, no que se refere à natureza da pesquisa, trata-se de uma abordagem qualitativa, pois esta parte de uma hipótese guia, com diferentes orientações filosóficas e tendências epistemológicas, que nos possibilita compreender e analisar melhor sobre as demandas que constam em nosso trabalho (ANTÓNIO CHIZZOTI, 2003).

Nessa perspectiva, a princípio a pesquisa fundamenta-se em uma revisão de literatura através da pesquisa bibliográfica, baseando-se nos materiais já publicados sobre o tema como artigos, livros, dissertações e teses disponíveis; reportagens de jornal, fotografias, entrevistas e gravações publicadas, com base nos estudiosos/as que vem discutindo essa temática como é o caso de Manuel Veiga, Ana Josefa Cardoso, Ailene Cristina Brito Soares Rosa, entre outros especialistas; do mais usaremos as minhas experiências de vida enquanto cidadã Caboverdiana. Quanto ao objetivo, propõe-se fazer uma análise da experiência desenvolvida na escola básica José Carvalho, localizada em Calheta, São Miguel, no interior da ilha de Santiago. Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender como foi desenvolvida a experiência de ensino bilíngue ao longo da sua implantação a partir da percepção dos docentes.

Quanto ao objeto de estudo, essa pesquisa parte de um estudo de caso. Percebe-se que o método de estudo de caso consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados. Este possibilita descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação, auxiliando na formulação de hipóteses ou no desenvolvimento de teorias (GIL, 2002, p.54). Este método possui um caráter amplo, possibilitando ao/a investigador/a ter um maior aprofundamento sobre o assunto a ser pesquisado, uma vez que a pesquisa presume investigar sobre como aconteceu o processo do ensino bilíngue no contexto pesquisado.

Em relação aos instrumentos utilizados para a realização do estudo de caso, optou-se pela entrevista semiestruturada. Conforme Gil (2008) as entrevistas menos estruturadas são desenvolvidas de forma mais espontânea, sem que estejam sujeitas a um modelo preestabelecido de interrogação. Desta feita, a entrevista é considerada uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação.

Foram entrevistados dois professores que ministravam as aulas durante a experiência do ensino bilíngue na escola de ensino básico localizado no município de Calheta (São Miguel) no interior da ilha de Santiago, no polo três de Flamengos. Tal experiência ocorreu entre os anos 2013 a 2016. Foi elaborado um roteiro com dez perguntas acerca de aspectos, tais como: impacto, desafios dificuldades, adaptações aprendizagens entre outros aspectos encontrados durante essa experiência... com o objetivo de analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas nessa experiência, identificar quais adaptações foram feitas com relação aos materiais didáticos, e se estes abordavam as práticas sociais da realidade Caboverdiana, compreender como se deu a escolha dos professores e sua formação. Os dados coletados foram obtidos através de gravações, utilizando aparelho celular ou computador, a partir da plataforma (Google Meet e WhatsApp). Após a coleta e análise dos dados, as gravações foram destruídas.

Antes da realização da pesquisa os entrevistados assinaram a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual foi garantido o anonimato de cada participante. O presente estudo “objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional”², não oferecendo, portanto, nenhum tipo de risco aos seus participantes no que tange a ética em pesquisa.

² Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016 – Ministério da Saúde – Conselho Nacional de Saúde, disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html>

Após a coleta dos dados, propôs-se através de uma análise exploratória, observar os elementos que emergiram na fala dos entrevistados, identificando possíveis categorias comuns a ambos os professores a partir de suas experiências de ensino.

2 CAPÍTULO I - O CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO DE CABO VERDE E A REALIDADE DE ENSINO

2.1 IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A independência de Cabo Verde marca uma nova etapa das ilhas e na vida da população cabo-verdiana. Os governantes nativos recém-empossados iniciaram uma série de mudanças a nível do sistema educativo e aos desafios relacionados à qualidade de ensino. A educação em Cabo Verde, durante algum tempo, foi privilégio para um pequeno grupo de elite. Durante o período da colonização a educação era de caráter seletivo e excludente, cuja finalidade era criar uma “classe da pequena burguesia local com intuito de incentivar os colonizados a assumir [sic] o papel assimilacionista, para afirmarem-se como brancos ou então negros diferentes dos não escolarizados ou barbárie como eram chamados pelos opressores” (VEIGA, 2016, p. 51). Os integrantes desta classe burguesa serviam como agentes coloniais e/ou funcionários da coroa portuguesa em outras colônias de Portugal em África.

No entanto, com o passar do tempo, essa realidade foi transformando-se, abrangendo um maior número de nativos possíveis, permitindo inclusive a formação de parcela dos grupos de “intelectuais” (ex. Amílcar Cabral, Aristide Pereira, Pedro Pires entre vários outros), como no caso de (Baltasar Lopes da Silva, Manuel Lopes e Jorge Barbosa), estes que juntaram e fundaram a revista literária, denominada Claridade ou movimento Claridoso como é conhecido o grupo (RAMOS, 2012). Vale destacar que esses “intelectuais” tiveram oportunidade de estudarem na primeira escola seminarista em Cabo Verde, denominada “Seminário de Santiago”, a instituição era de cunho católico. O foco da revista foi a publicação de conteúdos que abordavam as temáticas relacionados com a realidade do arquipélago na época, como: a formação de identidade, fome, seca, emigração, entre outros problemas desumanos enfrentados pelos nativos, juntaram e formaram o movimento de luta anticolonial lutando contra o regime opressor e a favor da independência do país.

No que tange às questões linguísticas, não houve muita mudança, haja vista que o país desde os tempos coloniais enfrentava um modelo educacional baseado na imposição de uma única língua considerada de “prestígio”, caracterizado pelo domínio do português nos espaços académicos, e outros órgãos do setor público, enquanto o cabo-verdiano/crioulo se manteve nos espaços informais, isto é, no cotidiano dos cabo-verdianos.

Nesse contexto, percebe-se que há disparidade no que diz respeito aos espaços que essas duas línguas ocupam dentro da sociedade Cabo-verdiana, levando de certa forma a valorização

de um em detrimento da desvalorização do outro. Mesmo com a conquista da independência, o português manteve o seu lugar hierárquico, posicionando no topo da pirâmide linguística, embora seja usado por uma parcela de população escolarizada. Por outro lado, a língua materna que é falada por toda população nativa encontra-se na base e é desvalorizada dentro do ambiente escolar, mormente em salas de aulas. No entanto.

O uso das duas línguas nos diferentes espaços da organização social de Cabo Verde, permite-nos identificar ideologias e relações de poder presentes nas políticas linguísticas produzidas por um pequeno grupo de letrados caboverdianos na forma de debates sobre as línguas (TORQUATO, 2009, p.28).

Évora (2014) argumenta que quando se prestigia uma língua em detrimento da outra, faz com que a menos prestigiada passe por um processo de estigmatização. Convém salientar que muitos caboverdianos alimentam essa ideia, principalmente, uma parcela de elite de intelectuais, fundamentado num discurso nacionalista. Na verdade, há resistência por parte dessa elite, no que se refere à oficialização do crioulo e a sua utilização no sistema de ensino. Ainda, o autor afirma que a língua materna Caboverdiana durante o período de colonialismo foi censurada, inclusive não era considerada uma língua, mas um dialeto³, denominação imposta pelos portugueses, como uma forma de menosprezar uma língua. Esses pensamentos prevalecem até então, entendendo-se que a colonização passou, mas deixou sequelas presente nas sociedades que passaram por esse processo violento e desumano. O subconsciente de diversas pessoas manteve esse pensamento, ou seja, apresenta fortes indícios de mente colonizada, o que requerer um longo processo para a desconstrução.

Desta forma, cabe destacar que, de vez em quando, somos confrontados com comentários do tipo: “Crioulo não tem regra, nem gramática, não é língua é dialeto, coitado/a nem sabe falar português, nós já falamos crioulo não precisamos estudá-lo, o importante é estudar a língua portuguesa”. Na verdade, em Cabo Verde todos acabam reproduzindo esses tipos de discursos em algum momento, visto a violência sociolinguística que a sociedade sofreu e continua sofrendo. Esse pensamento, embora seja uma ideologia colonial, ainda prevalece.

À guisa de exemplo, ponderando sobre as questões sociolinguísticas em Moçambique e Angola, Tímpane (2017, p.4) assevera que as línguas Bantu (LB) faladas em Moçambique e em Angola eram chamadas preconceituosamente por pretuguês, língua do cão, landim, dialeto,

³ Segundo o dicionário Português Online, [linguística] é considerado dialeto toda variedade linguística que, embora possua particularidades específicas, não é considerada outra língua: dialeto caipira. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dialeto/>

língua dos pretos, entre outras denominações preconceituosas. Face a isso, pode-se afirmar que na concepção dos colonos toda língua nativa era dialeto, expressão esse que eles utilizavam como uma forma de menosprezar e desvalorizar as demais línguas faladas nativas.

De acordo com Bagno (2016, p. 7),

Os primeiros gramáticos, comparando a língua escrita dos grandes escritores do passado e a língua falada espontânea, concluíram que a língua falada era caótica, sem regras, ilógica, e que somente a língua escrita literária merecia ser estudada, analisada e servir de base para o modelo do "bom uso" do idioma. Essa separação rígida entre fala e escrita é rejeitada pelos estudos linguísticos contemporâneos, mas continua viva na mentalidade da grande maioria das pessoas.

O líder de libertação de Guiné-Bissau e Cabo Verde, Amílcar Cabral, em um seminário de quadros realizado em novembro de 1969, diz o seguinte: “A língua portuguesa é uma das melhores coisas que os portugueses nos deixaram”. Essa afirmação gerou e ainda gera várias críticas e reflexões. Contudo, nota-se uma contradição em respeito aos ideais defendidas por Cabral, uma vez que era o defensor do nacionalismo, seria possível pensar numa educação libertadora a partir de um nacionalismo com marcas e símbolos coloniais?

Por outro lado, é preciso entender em que contexto Cabral teceu essa afirmação, apesar de que pode ser um desafio lançado aos povos falantes da língua Crioula. Desafio esse que estaria associado a incentivar os nativos a estudar e aprofundar no estudo da língua Caboverdiana e posteriormente iniciar o ensino da mesma nas escolas. De fato, um dos debates que se prevalecem acerca da sua oficialização são as questões de estudos ligados às suas regras e fonéticas tendo em vista que existem palavras em crioulo que não podem ser traduzidas em Português. Sendo assim a língua do ensino deve permanecer em língua Portuguesa, do mesmo jeito, Cabral defende e se contraria de novo alegando que só a partir da língua portuguesa que tanto Cabo Verde como Guiné-Bissau vão se desenvolver tanto no nível da ciência como em outras áreas.

Partindo desses pressupostos, as ideias sustentadas pelo Cabral são bastante notórias nessas sociedades que têm a língua Portuguesa como a “língua das oportunidades”, no qual as entidades competentes só estabelecem relações econômicas, sociopolíticas, religiosos, educativos através dessa língua. Nesses acordos, as entidades competentes ultrapassam as fronteiras linguísticas celebrando parcerias com países não lusófonos, ou seja, a língua Portuguesa preza, mas nos espaços de poderes. Contudo, é oportuno salientar que Amílcar Cabral não defende que a língua crioula deveria ser deixada de lado e muito menos não

valorizada, mas faz-se necessário compreender que uma das formas de valorização e a promoção de uma língua advêm de sua oficialização.

Para Évora (2014), o contato com o Português é “incentivado” pela televisão, principalmente, através das novelas brasileiras, e recentemente também pelas novelas portuguesas. O conhecimento do Português nem sempre é ativo, por vezes as pessoas compreendem, mas têm dificuldade na hora de expressar, ou seja, a mídia por si só tem influenciado e incentivado muito na expansão e divulgação da língua Portuguesa em Cabo Verde. Outro ponto a destacar aqui tem a ver com a questão dos nomes que os pais dão aos seus filhos, muita das vezes, são nomes dados a partir das telenovelas. Por conseguinte, nota-se que a língua Portuguesa não está ocupando somente os espaços dos poderes, a falta da consciência linguística de muitos tem levado ao desconhecimento da própria língua, e por vezes uma rejeição, não só da língua, mas de tanto outros aspetos que fazem parte da nossa história identitária.

A língua crioula nasce de uma perspectiva histórica particular, por isso ela é cheia de variações, como qualquer outra língua em uso. Variações estas que deveriam ser vistas como algo enriquecedor, e não como algo que vai atrapalhar a oficialização da língua crioula em Cabo Verde como muitos pensam, e nem como sendo algo que gere preconceito como vem acontecendo, já que em todas as línguas existem variações dependendo muito de contexto para contexto. Tem-se como exemplo a sociedade Brasileira, na qual a língua mais falada é o Português, porém, existem variações da mesma, de estado para estado, decorrente, sobretudo, da influência de outras línguas. Na visão do Bagno (2007), “ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros” (p.15).

Nessa perspectiva, alguns cidadãos Caboverdianos tem uma ideia semelhante, acerca da oficialização da língua caboverdiana. Muitos confrontam com ideias de que a oficialização da língua abriria espaço para a disputa, questionando: “Crioulo de qual ilha”? Isso porque algumas pessoas pensam que a partir do momento que a língua Crioula for oficializada vai existir uma padronização do Crioulo. Já na concepção de outros, só deveria ser oficializado e ensinado de fato o crioulo apenas quando se tem um estudo aprofundado sobre tal. Aqui, mais uma vez, percebemos aquele olhar de pensar a língua como algo estático seguindo a norma culta e tudo mais.

O ensino da língua Crioula em Cabo Verde, torna-se uma necessidade fundamental, principalmente em relação à linguagem escrita, uma vez que além de promover o bilinguismo que se pretende alcançar no país contribui para o sucesso de ensino e

aprendizagem da própria língua caboverdiana e também da língua portuguesa, por sua vez. (SEMEDO; MARTINS E GOMES, 2015).

É, portanto, notória a importância da oficialização da língua Caboverdiana, considerando a sua capacidade de promoção de um ensino libertador e não opressor.

2.2 BREVES REFLEXÕES SOBRE O SURGIMENTO E A FORMAÇÃO DO CABOVERDIANO (CRIOULO)

O crioulo caboverdiano atravessou por um processo de evolução até se tornar a língua que hoje identifica a nação Caboverdiana. Contudo, a sua formação e evolução deve-se a três importantes fases. De acordo com Madeira (2013), primeiro era o Pidgin, depois veio o Protocrioulo e por último o Crioulo. O pidgin surgiu no início da colonização (1462), tinha pouca estrutura em termos gramaticais e lexicais. Supõe-se que o Protocrioulo surgiu entre os séculos XV e século XVI, aqui já começou a se ter algumas bases lexicais e gramaticais, era mais estruturada em relação ao pidgin; enquanto o crioulo veio surgir entre o século XVII e início do século XVIII, com recursos gramaticais e lexicais próprios, estabilidade estrutural e, uma base sintática melhorada (Madeira, 2013) apud João Lopes Filho, 1981; António Carreira, 1982).

Nesse sentido, o caboverdiano em específico, nasce em meio de uma turbulência e a fusão na qual o país estava passando na altura. Por este motivo pode se dizer que a língua materna caboverdiana é nada mais, nada menos, que o símbolo da resistência e da identidade Caboverdiana, visto que na época foi a única forma de comunicação entre os escravizados, sem que os colonizadores portugueses percebessem. Dessa forma, é oportuno destacar que apesar da proibição da língua materna e da imposição da língua portuguesa, há um processo de resistência que surge junto com formação do povo Caboverdiano.

Desde então, a língua falada foi sofrendo alterações e ganhando estruturas ao longo dos tempos, pois, essas alterações foram se modificando de ilha para ilha, dando origem às variações linguísticas. Segundo algumas linguísticas Caboverdianas como no caso de Veiga, outro motivo dessas variações foi pelo fato de as ilhas serem povoadas em épocas diferentes, pois a língua surge, primeiramente, na ilha de Santiago, visto que esta foi a primeira ilha a ser povoada e a língua não é algo estático.

Conforme Prata (2002), pressupõe-se que possivelmente as línguas faladas pela etnia Mandinga, Pepel e Jalofos e mais variedades dialetais do então português falado em Algarve, estão envolvidas na origem da língua crioula de Cabo Verde. Entretanto, isso é uma questão

muito problematizada que envolve o debate sobre a verdadeira origem da língua crioula. Para alguns Guineenses, a língua crioula surgiu na Guiné-Bissau e para outros em Cabo Verde, ou seja, existe muita controvérsia dentro dessa questão, de todo modo, pode-se dizer que não existe língua pura.

2.3 TENSÕES RELACIONADAS À POLÍTICA LINGUÍSTICA EM CABO VERDE

Desde a independência o país adotou a língua Portuguesa como a oficial mesmo tendo o crioulo como a língua mais utilizada cotidianamente pela maioria da população. O uso do Português tem gerado muita discussão em torno da política linguística, envolvendo, principalmente um grupo de “intelectuais” que há anos vem debatendo a hipótese da oficialização do caboverdiano.

De acordo com um artigo publicado no Santiago Magazine, no dia 27 de março de 2019, sob o tema: *O bilinguismo oficial Caboverdiano – bilinguismo, diglossia e problemáticas relativas às políticas de (co)oficialização da língua Caboverdiana*, tem-se que:

Uma primeira proposta (o Movimento para a Democracia (MpD) que defendia de forma expressa a oficialização unicamente do português, no que diz respeito à língua Caboverdiana, pela adstrição do Estado à obrigação programática de “promover as condições necessárias à sua oficialização” (nº 2 do artº 9º do projeto de revisão constitucional do MpD), e definindo, no artº 7º do mesmo projeto, como uma das tarefas do Estado “preservar e valorizar a língua Caboverdiana”.) Uma segunda proposta, a do maior partido da oposição de então, o Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV) que pugnava pela (plena e) inequívoca, imediata e paritária oficialização do Caboverdiano e do português⁴.

Diante disso, percebe-se que a mudança partidária tem influenciado nesse processo, uma vez que, cada partido que entra no poder apresenta propostas diferentes. A implementação do projeto bilíngue decorreu durante a governação do Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV). Todavia, com a mudança da nova governação do Movimento para a Democracia (MPD), em 2016, esse projeto foi interrompido. Durante um programa televisivo, denominado *Conversa em Dia*, realizado em 22 de fevereiro de 2013 na Radiotelevisão Caboverdiana (RTC), promoveu-se um debate sobre o bilinguismo em Cabo Verde, coordenado pela jornalista Margarida Fontes.

⁴ Revista eletrônica Santiago - matéria sobre o assunto <https://santiagomagazine.cv/cultura/o-bilinguismo-oficial-caboverdiano-bilinguismo-diglossia-e-problematicas-relativas-as-politicas-de-cooficializacao-da-lingua-cabo>.

Nesse contexto, Germano Almeida (escritor)⁵, um dos convidados para o debate, ressalta a questão se de fato a situação linguística em Cabo Verde é de bilinguismo ou não. Ele alega que não existe bilinguismo em Cabo Verde porque não há um domínio das duas línguas. Conforme as concepções do escritor, o português deverá ser estudado nas escolas como língua estrangeira, pois este se aproxima muito mais do que seria a segunda língua. Da mesma forma, o segundo convidado, professor Emanuel de Pina, também traz essa questão, que sendo o português a língua segunda (L2) deveria ser ensinado como tal. Entretanto, o estatuto da língua portuguesa foi resultado da política linguística feita ao nível político que permanece até hoje.

Nesse sentido, ao longo da conversa, a jornalista confrontou o escritor Germano Almeida com uma questão, ou melhor dizendo, citando um trecho de um livro de um poeta Brasileiro, a jornalista Margarida Fontes ressaltou o seguinte: “Para nós brasileiros a língua portuguesa é árvore inteira, é língua nativa e seminal e não imposta o emprestado nela com ela somos”. Posteriormente, o escritor Germano Almeida logo comenta o seguinte:

Para os Brasileiros a língua deles é o português, já os Caboverdianos não, a vida dos Caboverdianos decorre em crioulo. Contudo, ele afirma dizendo que cresceu com a presença das duas línguas em casa, pois no cotidiano ele usa mais a língua portuguesa do que o crioulo, pois este é um instrumento de trabalho, o português é a língua da competição. Nas concepções do convidado Gilvan Oliveira (Presidente do Instituto Internacional da Língua Portuguesa), isso não passa de uma construção ideológica, característica da construção do Estado Nação, visto que no Brasil existia uma diversidade enorme de língua antes da chegada dos Colonos.

Desta feita, é notório que existem dúvidas em relação a existência ou não do bilinguismo em Cabo Verde, visto que essa questão tem sido debatida por outros estudiosos como no caso de Veiga (2015), entre outros. Percebe-se que para esses pesquisadores o bilinguismo se restringe ao domínio pleno do crioulo e do português, situação essa que gera dúvidas para outros pesquisadores da área, dúvidas essas como: pode ser considerado bilíngue um indivíduo que fala duas línguas? Afinal quais são os critérios que devem ser levados em consideração para dizer que um indivíduo é bilíngue? O que define um indivíduo como bilíngue? Outro aspecto a ser levantado ao longo desse debate é que assim como Germano, existem outros intelectuais que também sustentam essa ideia de que apenas a língua portuguesa pode ser considerada instrumento de trabalho.

Na definição mais popular, o bilinguismo é caracterizado pelo indivíduo que fala duas línguas. Porém existem quatro questões que devem ser levadas em consideração para definir

⁵ Matéria publicada na página do Instituto de Políticas Linguísticas sobre o bilinguismo em Cabo Verde - <http://ipol.org.br/o-bilinguismo-em-cabo-verde/>

ou dizer que uma pessoa é bilíngue: a primeira tem a ver com o grau de proficiência; a segunda refere-se à situação em que o indivíduo faz o uso das línguas; a terceira está relacionada a alternância do código; a quarta e última questão tem a ver com a interferência (MEGALE, 2005).

Na concepção de Becher (2020), muitos Caboverdianos/as desconhecem a existência do Alfabeto Unificado para a Escrita da Língua Caboverdiana (o Crioulo), designado ALUPEC, isso devido a não existência de políticas linguística que conscientizem a população local. Para o autor, normalmente os que têm conhecimento desse alfabeto são profissionais da área educacional ou alguns pesquisadores ou pesquisadoras de estudos da língua crioulo ou portuguesa. Desta forma, particularmente, passei a ter conhecimento da existência desse alfabeto a partir do momento que eu comecei a pesquisar sobre o tema. Pude perceber que temos um alfabeto unificado com regras claras que facilitam a escrita do caboverdiano, muito embora este seja alvo de muitas críticas, assunto que iremos discutir na seção xx. No entanto, a necessidade da valorização das línguas materna é essencial no que tange às diversidades linguísticas, visto que a língua é considerada um dos maiores instrumentos de comunicação e civilização, parte fundamental da nossa identidade.

3 CAPÍTULO II – O ENSINO BILÍNGUE NOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA (PALOP): OS CASOS DE CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU E MOÇAMBIQUE. PERSPECTIVAS E DESAFIOS

3.1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO BILÍNGUE NOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Embora o foco dessa pesquisa não seja falar dos demais países africanos de língua portuguesa, achamos relevante falar um pouco sobre o contexto bilíngue de algum desses países. Conforme já dito anteriormente, estudos confirmam que a língua portuguesa foi uma das marcas deixadas pelos colonizadores. Até então esta se faz presente como única língua oficial em todo PALOP: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe.

Fernando Tavares (2015) afirma que:

No cenário sociolinguístico cabo-verdiano, o português continua a ser a língua hegemônica e o crioulo, a língua subalterna, com consequências pedagógicas nefastas na relação pedagógica e nos processos de ensino e de aprendizagem, sobretudo na aquisição das primeiras letras. Neste sentido, a autodeterminação política não operou a emancipação cultural. Porém, embora, as iniciativas políticas empreendidas pelos poderes públicos no período pós-colonial, na promoção e democratização de acesso à educação, as escolas cabo-verdianas continuam a cometer a alienação cultural, excluindo a língua e a cultura nativas do sistema oficial de ensino (TAVARES, 2015, p.?).

Ora, percebe-se que a língua tem se manifestado em uma das barreiras no processo de ensino e aprendizagem, visto que o primeiro contato dos alunos/as com a língua portuguesa vai ser na escola após os 6 ou 7 anos de idade, com o início do Ensino Fundamental. Por outro lado, na sala de aula, o crioulo é marginalizado, banido e menosprezado em detrimento dos privilégios da língua portuguesa. Porém, nas palavras de Veiga (2016):

Acreditamos que, o português pode ser utilizado como uma língua qualquer, que expandiu além da metrópole e não como uma única e universal ou autóctone de Portugal. Por isso, na perspectiva decolonial o uso do português deve ser de igual como quaisquer outras línguas, e não menosprezar a língua materna nem qualquer outra língua que é falada no país, ou que possa surgir futuramente (VEIGA, 2016, p. 53).

Essa situação tem despertado a atenção dos órgãos competentes. Varela (2017) destaca que a Política Nacional da Educação caboverdiana vem trabalhando um conjunto de decisões,

orientações e medidas de política pelas quais se deve orientar o funcionamento e o desenvolvimento do sistema educativo caboverdiano, com a finalidade de dar resposta às exigências da sociedade.

Torquato (2009) relata que durante uma participação em um projeto piloto de Educação de Jovens e Adultos (EJA), realizado em Cabo Verde no período de outubro de 2002 a maio de 2003, após a observação nas salas de aula, em conjunto com outros colegas, constataram que as aulas normalmente eram ministradas principalmente em língua nacional (crioulo caboverdiano). O texto usado para leitura e para o processo de ensino-aprendizagem da escrita estava escrito em português. O alfabetizador lia o texto em língua portuguesa e a discussão, que levava à construção de sentido do texto, dava-se em língua caboverdiano.

Tal constatação nos leva a crer que ambas as modalidades de ensino, presentes no arquipélago, sofrem com essa questão da língua, que para os alunos da EJA, também tem sido uma barreira com relação a comunicação, leitura e interpretação. Desta feita, a língua crioula está presente no cotidiano do povo Caboverdiano, fazendo parte da identidade desse povo.

Contudo, convém salientar que apesar do Estado Caboverdiano ter investido pouco para a criação de políticas públicas direcionadas para o ensino bilíngue, “criou algumas ações voltadas para a valorização e a promoção da língua nacional, como no caso da inserção da disciplina Língua e Cultura Caboverdiana no currículo do curso de formação dos professores primários⁶ no Instituto Pedagógico; e a criação do departamento de Língua e Cultura Caboverdiana no Instituto Superior de Educação (ISE)” (TORQUATO, 2009, p.30).

Desta forma, é de se referir que essa mesma disciplina faz parte da grade curricular de alguns cursos universitários do país. Embora a presença da disciplina na formação dos professores seja considerada, é insuficiente para prepará-los.

Como foi mencionado, existe um projeto piloto de ensino bilíngue, no qual se constatou que uma das maiores dificuldades dentro desse ensino foi a falta de professores formado para ministrar as aulas, a falta de políticas públicas para a formação de professores se faz presente nesse sentido e não só.

É necessário que disciplinas como estas sejam implementadas em todas as modalidades de ensino, a começar desde a fase de alfabetização, visto que essa é uma das fases fundamentais no que tange ao ensino e aprendizagem, e que por esse e outros motivos leva ao fracasso escolar de muitos alunos/as. Tal constatação nos leva a crer que, o Estado Caboverdiano sustenta a ideia de que pelo fato da língua crioula não possuir uma escrita padrão, não possa ser usada no

⁶ O termo corresponde a professores do ensino fundamental no Brasil.

ensino, porém, em contrapartida, o Estado implementou uma língua como oficial que era e é desconhecida para muitos, indo contra a aquilo que é a realidade linguística dos seus cidadãos.

3.2 O CASO DA EXPERIÊNCIA BILÍNGUE EM GUINÉ-BISSAU

No caso da Guiné-Bissau a realidade não é muito diferente, tendo em conta que lá existe uma diversidade linguística muito forte comparando com Cabo Verde: possuem várias línguas maternas, o crioulo é a língua falada pela maioria da população e é considerada a língua materna de muitos. Não obstante isso, é o português a língua oficial e, como tal, a língua da burocracia do Estado.

Nesse sentido, em um contexto de multilinguismo, a taxa de fracasso escolar é algo a ser observado com mais atenção ainda. Como aponta Cá (2015), os documentos oficiais direcionadas ao programa de língua portuguesa para o ensino básico (1993) e o ensino unificado (2001) abordam várias questões, apresentando as diversidades de línguas existentes no país. Contudo, em momento algum fazem referência às línguas étnicas faladas pelos alunos/as na sala de aula. Nota-se que tais documentos trazem a ideia de língua portuguesa como a língua da unidade nacional, mas não trazem a língua crioula como símbolo dessa unidade. Diferente de Cabo Verde, em Guiné-Bissau, antes da chegada dos portugueses, cada grupo falava sua língua materna, não existia o crioulo nem o português.

Se considerarmos a realidade social dos guineenses que vivem no exterior, que aprendem a falar a língua estrangeira com competência e domínio linguístico satisfatório, a língua crioula sempre se faz presente nas suas relações. Esta situação real, em que os falantes do crioulo, privilegiam nas suas interações o crioulo, nos faz pensar como é importante o papel que a língua crioula ocupa na sociedade guineense (VIRGINI CÁ, 2015, p. 2015).

Entende-se a importância que a língua crioula possui para os guineenses dentro e fora, de igual modo para os Caboverdianos. Exemplificando a diáspora desses contextos, em que ambos sempre carregam o crioulo consigo. Normalmente os imigrantes descendentes desses países fazem questão de ensinar a seus filhos o crioulo e assim vai passando de geração em geração como uma demonstração da valorização e de preservação da língua crioula. A diáspora vem transcendendo a língua crioula além das fronteiras.

3.3 A EXPERIMENTAÇÃO DO ENSINO BILÍNGUE EM MOÇAMBIQUE

A sociedade moçambicana é formada por uma enorme diversidade linguística. Além do português, adotada como língua oficial após a conquista da independência em 1975 e, como tal, a língua de ensino e da burocracia estatal, no país fala-se a língua x, y e z... Dessa forma, os materiais didáticos e pedagógicos também eram produzidos, naturalmente, na língua oficial. Entretanto, existia um alto nível de fracasso e abandono escolar, que podem estar associados às questões linguísticas, afinal de contas, muito dos alunos passaram a ter o contato com a língua Portuguesa a partir do momento que frequentaram a escola. Diante de tais fatos surgiu a necessidade da implementação do ensino bilíngue.

Para solucionar o problema do insucesso escolar, o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) pautou pela implementação do modelo de ensino bilíngue. Patel (2006) advoga que o fracasso escolar dos alunos/as está associado ao ensino monolíngue, ou seja, apenas na língua Portuguesa. Alguns estudos realizados, como no caso do Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), analisaram que um dos principais motivos pelo fracasso escolar em Moçambique era o fato dos alunos/as não serem alfabetizados na sua língua materna, muitos só tinham contato com a língua portuguesa a partir do momento que frequenta a escola.

Diante das circunstâncias e das queixas, o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, entrevistou na resolução de reverter essa situação, nessa mesma perspectiva, estudos realizados pelo Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE) demonstraram que uma das maiores causas do fracasso escolar em Moçambique se devia ao facto de o ensino ser conduzido somente em Português, quando a maioria das crianças não fala esta língua.

Conforme a ideia sustentada por Timbane (2015), Moçambique possui mais de vinte línguas Bantu (LB) e as mesmas encontram-se distribuídas de uma maneira desigual ao longo do território. De igual modo, o autor ainda salienta que os falantes das diversas LB normalmente extrapolam as fronteiras políticas e administrativas, nacionais e internacionais. Como exemplo disso tem-se a língua Swahile, falada na região norte de Moçambique, Tanzânia, Quênia, Uganda e República Democrática do Congo.

Presume-se que “a experiência da África do Sul (país vizinho de Moçambique) prova que os países africanos que deixaram de oficializar as suas línguas locais perderam bastante com isso” (TIMBANE, 2015). A África do Sul, ao contrário de muitos países africanos, investiu na oficialização, preservação e na valorização das suas línguas maternas. Com isso, tais línguas passam a fazer parte das instituições escolares e não só, desempenhando um papel fundamental

dentro desse território. Do mesmo modo, o autor ainda ressalta que o estatuto da língua portuguesa em Moçambique derivou da política linguística do Estado, ou seja, existe toda uma questão política e de interesse por detrás disso.

Como se pode ver, essa questão política não aconteceu somente em Moçambique, mas em Cabo Verde também. Algumas questões a se considerar é que em Moçambique não se tem uma língua de unidade nacional, sendo assim como é que foi feita essa implementação do ensino bilíngue, considerando que as línguas nativas locais se distribuem de forma díspar em todo o território.

3.4 ENSINO BILÍNGUE EM CABO VERDE E SUAS EXPERIÊNCIAS NAS ESCOLAS

O termo bilinguismo tem trazido bastante polêmica no que se refere ao seu conceito, isso levando em consideração as reflexões abordadas pelos pesquisadores/as da área. Na concepção de muitos pesquisadores, (Lopes, Flory, Souza), a noção do bilinguismo está associada ao manejo de duas línguas, isto é, quando o indivíduo consegue fazer o uso de duas línguas com facilidade. Para outros pesquisadores da área, o bilinguismo vai, além do uso das duas línguas.

Para Lopes (2014, p. 419), o bilinguismo “[...] significa riqueza, convivência, respeito por si mesmo e pelos outros; como indivíduo tenho a capacidade de poder usar o que tenho e de enriquecer-me com o novo que me traz o outro”.

Segundo Cardoso (2005), o bilinguismo existente em Cabo Verde possui um caráter individual e caracteriza-se por uma aquisição sequencial, uma vez que os que dominam o português, por via da regra, são aqueles que aprenderam a falar o português a partir da escola. Portanto, é de se referir que esta língua, o português, encontra em processo de construção.

“[...] Entende-se por ensino bilíngue aquele em que duas línguas coexistem, não apenas como matérias de ensino, mas como línguas de comunicação, de aprendizagem e de cultura” (LOPES, 2004, p. 420).

Nesse sentido, se o português não faz parte do cotidiano das pessoas, acaba se configurando língua estrangeira. E por outro lado, o crioulo não é ensinado como matéria nas escolas. Dessa forma, não pode ser apenas um instrumento para que se ensine o português. Se for assim, não há de fato um ensino bilíngue dentro da perspectiva de Lopes. Já para Flory e Souza (2009), existem vários critérios de definição de bilinguismo, e cada critério abre a possibilidade de levantamento de diferentes hipóteses a serem pesquisadas, referentes a campos de observação específicos.

No dia 27 de fevereiro de 2015 foi publicada uma matéria no jornal expresso das ilhas por Sara Almeida, cujo o tema foi “Ensino Bilíngue: Duas línguas a par e passo”. Tal matéria afirma (ou descreve) que a mentora desse projeto Ana Josefa Cardoso, junto com o ministério da educação, pôs em prática um projeto de ensino bilíngue”. Cardoso (2005) já havia observado em sua dissertação de mestrado que as crianças de pais Caboverdianos que viviam em Portugal falavam o crioulo e conseguiam aprimorar-se em sua língua materna sem perder o Português, língua do país no qual habitavam, em função de participarem de uma experiência de ensino bilíngue. Tal experiência aconteceu numa escola da Moita (Portugal), frequentada por grande número de crianças de origens Caboverdianas. Inspirada em tal projeto e experiência, Ana Josefa Cardoso desenvolveu então o projeto *Si ka fila tudu, ta fila um ponta*⁷, trazendo, portanto, a proposta de ensino bilíngue para Cabo Verde.

O projeto foi implementado no ano letivo 2013/2014. Antes de tudo foi realizado uma enquete para identificar a opinião dos pais ou encarregados da educação dos alunos, na qual todos concordaram com a ideia e o projeto teve início nas turmas de 1ºano/série do ensino primário. A princípio houve formação na área de língua caboverdiana, junto ao Ministério da Educação, depois com os professores, a fim de estes estarem capacitados para trabalharem nessa área, abraçarem junto o projeto e o fizeram acontecer.

A pesquisadora defende como proposta a introdução da língua caboverdiana como matéria de ensino, o qual pode influenciar na aquisição da língua portuguesa “porque quanto melhor se percebe a língua materna, melhor se pode ver onde estão as diferenças” (ALMEIDA, 2015, p.xx). Seguindo esta mesma lógica, Almeida firma que Cardoso, a princípio, escolheu duas escolas para implementar esse projeto. Escolheu uma escola do meio rural da Ilha de Santiago, que fica localizado em Flamengos (concelho de São Miguel), por este ser a terra dos seus pais; e a outra no meio urbano, o Polo de Ponta d’água, por questões de afinidade.

Refletindo sobre essa perspectiva trazida pelo projeto de Cardoso, pode-se perceber que esta encontra respaldo na literatura sobre o tema. Nesse sentido, Lopes (2004), na sua produção “Cultura acústica e letramento em Moçambique: em busca de fundamentos antropológicos para a educação intercultural”, faz um debate interessante sobre o bilinguismo. No seu ponto de vista, frequentemente os professores são bilíngues, contudo, não leva em consideração a competência das crianças na L1⁸ como relevante no aprendizado da L2. Nesse caso a língua portuguesa, considerando apenas sua variedade padrão, faz com que muitas vezes exista uma

⁷ Se não der certo totalmente, vai dar pelo menos um pouco.

alta taxa de reprovação dos alunos, porque nas escolas, são obrigados a seguir esse padrão que lhes é imposto, enquanto que nos seus cotidianos falam uma variedade que se distancia da variedade ensinada nas escolas.

O projeto foi relevante no que tange a valorização e o processo de aprendizagem dos alunos, porém não foi de agrado de todos. Segundo a notícia publicada em 21 de fevereiro de 2019, no jornal Sapo Muzika /Inforpress⁹, a atual Ministra da Educação e Inclusão Social do país, vai na contra mão desse projeto, alegando que “este projeto bilíngue carece de um conjunto de melhorias para que este seja implementado de outra maneira”. Desta forma, em momento algum ela mencionou quais são essas melhorias e para quando iriam ser efetivadas, com o intuito de dar continuidade a esse projeto que teve bons resultados. Por sua vez, ela ressalta que naquele momento o ministério irá apostar na implementação de outro projeto educativo, com foco no fortalecimento da “língua dos outros”.

Nesse caso ela refere-se à língua portuguesa (a língua oficial), ao Francês e ao Espanhol. Ela destaca essas como sendo a língua da comunicação, esquecendo ou ignorando que o crioulo também é a língua de comunicação diária da maioria da população Caboverdiana. Ainda, a então ministra afirma que “esse projeto bilíngue é pequeno, que não tem um sistema de seguimento, sistema de avaliação”. Esses foram as justificativas utilizadas para interromper a experiência de ensino bilíngue em Cabo Verde.

Na Constituição da República de Cabo Verde de 2010, no Artigo 9º (Línguas oficiais), consta que o Estado promove as condições para a oficialização da Língua materna caboverdiana, em paridade com a língua portuguesa. Que condições seriam essas se a própria ministra, uma figura de Estado, se opôs a um projeto, sem pelo menos apresentar uma alternativa. Nesse sentido observa-se que existe uma contradição por parte dos governantes, ou seja, até o momento não está tendo essa paridade entre a língua crioula e a língua portuguesa. Seguindo a linha de raciocínio da ministra, fica nítido que na prática isso se dá em outra perspectiva, pautado numa visão ocidentalista e hierarquizada, que defende e valoriza a língua estrangeira. Além disso, pode-se analisar que a constituição é escrita em Português, mesmo sabendo que nem todos entendem a língua Portuguesa. Portanto, existe aqui uma promoção e divulgação da língua portuguesa, por conseguinte, temos a exclusão por parte daqueles que não entendem a língua Portuguesa.

Sobre tais questões, Rosa (2017) aponta o seguinte:

⁹ Matéria publicada no portal <https://muzika.sapo.cv/eventos/novidades-eventos/artigos/projeto-bilingue-ha-um-conjunto-de-situacoes-a-resolver-para-que-seja-implementado-de-outra-maneira-diz-ministra>

Nos dias de hoje, Cabo Verde trava uma discussão quanto à oficialização da língua materna. São 9 ilhas e cada qual com sua particularidade linguística e, em meio a este cenário, encontra-se o português que, para a maioria, não só é a língua oficial, mas também a segunda língua do país. O cenário linguístico Caboverdiano é vasto e há que encontrar distinções entre o que é língua materna e o que é segunda língua e, ainda, o que é língua estrangeira, e qual relação existente entre elas. Compreender essas definições é de suma importância para entender a discussão em torno da oficialização da língua Caboverdiana e para entender qual o papel e o lugar que o português ocupa dentro da sociedade Caboverdiana. (p.8)

Isso demonstra que de fato existe uma questão política por detrás disso tudo, pois estamos perante um país em que cada ilha tem sua variação linguística. Por vezes isso acontece até mesmo nos contextos regionais, ou seja, é necessário dizer que em Cabo Verde nós pensamos em crioulo e depois traduzimos em português. Neste contexto, pode se dizer que existe uma necessidade grande de estudar na nossa língua materna nas escolas.

De acordo com uma entrevista¹⁰ dada pelo atual Ministro da Cultura de Cabo verde, Abrão Vicente, realizada no dia 05 de abril de 2020, o Ministro garante o total debate sobre a revisão constitucional que incluiria o crioulo como a língua oficial. Nessa perspectiva, esse discurso vem sendo reproduzido paulatinamente, alimentando o velho discurso da oficialização da língua crioulo e sua implementação no sistema de ensino.

Conforme Madeira (2013), a oficialização da língua caboverdiana é vista como um desafio. Por um lado, existem aqueles que acreditam que é problemático oficializar a língua caboverdiana, defendendo que é uma língua sem padronização, sem construção e sem estruturas gramaticais e, por outro, existem aqueles que acreditam na oficialização da língua caboverdiana, por ser parte importante da história da Nação Caboverdiana e um dos fatores mais estruturantes da identidade nacional.

Seguindo essa linha de raciocínio, a oficialização pode ser vista como uma forma de valorização da nossa língua materna e da nossa cultura enquanto Caboverdianos, pois foi através da língua que os portugueses dominaram os países colonizados. Eles impuseram a língua deles e até então ela permanece como sendo a língua oficial.

Veiga (2015), na sua obra sobre a Construção do bilinguismo em Cabo Verde, ressalta que nos anos 20 do século XX, Napoleão Fernandes já tinha escrito alguns léxicos no “Dialeto” em crioulo caboverdiano, obra está que, segundo o autor, demorou cerca de 20 anos para ser escrita, e que viria a ser publicada, posteriormente, em 1991, pela filha Ivone Fernandes.

¹⁰ Governo aberto para debater elevação do crioulo a língua oficial em Cabo Verde. O governo cabo-verdiano assumiu "toda a abertura" do governo e do MpD, partido maioritário, para o debate sobre uma revisão constitucional que inclua o crioulo como língua oficial. **Artigo publicado no portal <https://observador.pt/2020/02/06/governo-aberto-para-debater-elevacao-do-crioulo-a-lingua-oficial-em-cabo-verde/>**

Em face disso, alguns intelectuais viam essa obra de suma importância para a construção da gramática no crioulo caboverdiano, uma vez que este já tinha alguns léxicos que poderiam ser utilizados na gramática. Vale destacar que antes, alguns intelectuais tinham o crioulo como “dialeto” e não como língua, ou seja, na percepção de muitos, o crioulo era dialeto do português, não possuía regras e muito menos estruturas gramaticais; já a partir da conquista da independência do país em 1975 isso foi mudando e o crioulo passou a ser vista como a língua materna da maioria dos Caboverdianos.

Contudo, quando se fala na oficialização do caboverdiano, alguns Caboverdianos baseiam-se na reprodução herdada pelos portugueses para se referir a língua crioula como dialeto que não possui regra nem gramática. Presume-se que por essas e outras razões existe uma contradição por parte de uns e outros com relação a oficialização da língua crioula.

Do mesmo modo, o autor ainda destaca que a busca pela valorização e a oficialização da língua crioulo começou há vários anos. Nesse sentido, desde 1979 já existiam debates em prol de privilegiar essa língua. Ora, nesse mesmo ano, foi construído o alfabeto, uma decisão que foi tomada a partir do “1ª Colóquio internacional sobre a valorização do crioulo Cabo Verde” organizado pelo Ministério da Educação, Juventude e Desporto, através da Direção Geral de Culturas.

Durante 10 anos reinou o alfabeto de 1979, no meio de críticas de uns e de defesa e utilização, por parte de outros. Em 1989, num Fórum de Alfabetização Bilíngue, chegou-se à conclusão que o alfabeto de 1979, por estar muito afastado das práticas de escrita com incidência no alfabeto de base portuguesa, praticada em Cabo Verde, deveria ser refundado. A partir das conclusões de uma Comissão Consultiva criada para efeito de parecer, e do trabalho do Grupo de Padronização sobre as bases de um novo sistema de escrita, o alfabeto de 1979 viria a ceder lugar ao Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano, o ALUPEC, proposto por esse Grupo em 1994, e que viria ser aprovado, a título experimental, em 1998 (VEIGA, 2015, p.184).

Importa salientar que, a criação do ALUPEC, a princípio, não abordava a fundo a língua caboverdiana. O alfabeto estava com muita base da língua Portuguesa, por conseguinte acharam necessário reformular esse alfabeto, pensando na perspectiva da valorização da língua caboverdiana como bem foi colocado durante o Colóquio.

De acordo com os dados do Boletim Oficial da República de Cabo Verde, realizado em 2009, o artigo 1º (Instituição do Alfabeto Caboverdiano) nos diz que o Alfabeto Unificado para a escrita da Língua Caboverdiana (ALUPEC) foi aprovado, em regime experimental, pelo Decreto-Lei nº 67/98, de 31 de dezembro, sendo instituído como Alfabeto caboverdiano. Este funciona como um sistema gráfico nacional para a escrita Caboverdiana.

Como sustentam Aguiar e Medeiros (2019), apesar do ALUPEC ser muito criticado, ao que tudo indica, houve sim um envolvimento por parte dos caboverdianos das diferentes ilhas acerca das variantes linguísticas existentes no país, assunto esse que, durante muito tempo, contribuiu para a inviabilização do reconhecimento do ALUPEC como alfabeto pelo fato deste não abranger as variações linguísticas existentes entre as ilhas. Desta feita, o mesmo afirma que tanto a língua caboverdiano como a língua portuguesa estão em processo da construção do bilinguismo dentro do contexto Caboverdiano.

Para Madeira (2013), seria mais relevante a oficialização da língua Caboverdiana e só depois a sua implementação como língua de ensino. Ainda, Madeira vê essa oficialização como um ganho e uma barreira. Nos termos do autor, “a oficialização da língua crioula caboverdiana pode trazer a inviabilidade da utilização das variantes regionais, e a dificuldade de readaptação, tendo em vista os escritores que já levaram décadas a escrever em português” (MADEIRA, 2013, p. 6).

Contudo, convém salientar que vai ser um ganho e um desafio ao mesmo tempo para as pessoas que já estão acostumados a escrever em português. Por outro lado, tem o debate e a discordância por parte de uns e outros em relação às variedades linguísticas existentes no país, isto é, a escrita iria contemplar todas as variedades existentes no país ou existiria a padronização do crioulo de uma ilha apenas?

De acordo com Cardoso (2005), as crianças de origem Caboverdiana que vivem em Portugal passam pelos dois processos de aquisição bilíngue. Umas têm um bilinguismo de raiz e outras um bilinguismo compósito. Verifica-se que aqui estamos perante dois processos de ensino bilíngue: primeiro a criança aprende com os pais e depois na escola. Nota-se que no Ensino Superior em Cabo Verde existe componente curricular que fala sobre o Ensino da Estrutura do crioulo, assim como existem edições de livros em crioulo, literaturas, romances, programas televisivos entre outros materiais produzidos em crioulo. Assim, percebe-se que há uma necessidade por parte de muitos Caboverdianos em oficializar a língua crioula.

Beckert (2020) publicou um artigo intitulado “*Kabuverdianu* no sistema educativo em Cabo Verde e o seu *status* em relação ao português”. Nesse artigo, traz alguns resultados muito interessantes da sua pesquisa, que nos instiga a refletir muito. A partir da aplicação de um questionário o autor conseguiu colher alguns dados que demonstram que atualmente muitos Caboverdianos estão a favor da implementação da língua crioula nos sistemas de ensino juntamente com a língua portuguesa. Segundo o relato das pessoas que participaram do questionário, deu para perceber a necessidade que muitos têm, principalmente no que concerne ao ensino e a valorização da língua materna. Do mesmo modo, pode-se analisar que ainda

alguns resistem a essa implementação, o que é normal, afinal nem sempre todos/as vão estar de acordo. Nessa perspectiva, alguns dos entrevistados que participaram contra a introdução do crioulo na escola responderam o seguinte... “O português e outras línguas internacionais têm maior valor econômico e garantem o desenvolvimento de Cabo Verde e a sua abertura ao mundo; não há, ao nível mundial, muitos falantes do crioulo”. (BECKERT, 2020, p.12)

É importante percebermos que a luta pela implementação do crioulo no sistema educacional tem causado polêmica: de um lado tem os que torcem a favor e de outro tem aqueles que torcem contra tal proposta, o que caracteriza a questão como uma disputa de poder político e de prestígio social. Observamos que as respostas acima só comprovam isso.

4 CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

O processo de ensino e aprendizagem é desafiador em todos os formatos, dentro disso, temos o ensino bilíngue nas escolas, temática essa que sido muito debatida e cada vez mais vem ganhando espaço de debate dentro do campo educacional na contemporaneidade. Conforme apontam a ciência e a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos,¹¹ é necessário, assim como é de direito, que toda criança conviva com a sua língua materna durante o próprio processo de alfabetização e letramento. Isso contribui muito para o seu desenvolvimento, para o processo de ensino e aprendizagem da L1 e da L2, assim como na sua inserção na sociedade.

Neste capítulo, apresentaremos e discutiremos os dados das entrevistas realizadas com os docentes que participaram da experiência bilíngue em Cabo verde em uma das escolas onde foi implementada essa experiência. Convém ressaltar que, por motivos éticos, os nomes dos docentes entrevistados e que serão aqui apresentados, foram ocultados e substituídos por um nome fictício. Os resultados, que serão apresentados e problematizados, vão pontuar reflexões retornando aos objetivos inicialmente propostos, buscando, de forma complementar, identificar quais categorias emergiram na análise dos dados, com o intuito de organizar e debater as ideias dos entrevistados. Tais categorias serão abordadas na análise abaixo apresentada, buscando trazer um diálogo entre as falas dos entrevistados e algumas reflexões teóricas, sendo elas, especificamente: A formação de professores, as práticas pedagógicas *versus* materiais didáticos e os benefícios da experiência bilíngue.

4.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Após a independência do país, conquistada em 05 de julho de 1975, os governantes nativos começaram a estabelecer umas séries de mudanças no nível do sistema educativo e os desafios relacionados à qualidade de ensino e as preocupações com a formação de professores/as vêm à tona, uma vez que, não se pode pensar numa mudança, inovação, almejando um ensino de qualidade, sem antes investir na formação dos professores. Este movimento tinha como finalidade dar respostas às demandas socioeducativas, o que tornou a qualificação do/a professor/a um desafio nacional. Nessa perspectiva, a experiência aqui analisada, segundo a fala dos entrevistados, permitiu esse processo de formação, conforme aponta um deles:

¹¹ http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf

Durante esse projeto tivemos formações que nos ajudaram na maneira que vamos produzir materiais didáticos, na maneira que podemos aplicar informações coordenadas pela língua Cabo verdiana também, e a língua portuguesa como língua segunda, tivemos formação que nos permitiu trabalhar com os alunos durante aquele período. (Professor Nicolas).

Compreende-se que a necessidade da formação continuada é necessária no que diz respeito à formação de professores, de igual modo a relevância de se ter um currículo que contempla as demandas da sociedade. Segundo Nascimento (20--, p. xx), “não há como ensinar o que não se aprendeu nas licenciaturas”. Ainda mais quando se tem um currículo ainda eurocêntrico como é o caso de Cabo Verde, cuja única língua que prevalece como língua de ensino é o português, deixando de lado a língua materna da maioria dos caboverdianos.

A formação recebida pelos professores que atuaram nesse projeto aconteceu na cidade da Praia em parceria com universidade UNICV (Universidade de Cabo Verde). Professor Nicolas aponta que “a formação era durante todo final de semana, tivemos praticamente dois ou três meses de formação”. O tempo mencionado, a nosso ver, não é suficiente para formar professores para trabalhar com língua Caboverdiana. O fato de os professores serem Caboverdianos não quer dizer que estes não precisam de formação na língua Caboverdiana.

Em uma matéria publicada no Blogue do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), intitulada “Cabo Verde implementa aprendizagem de ensino bilíngue de crioulo e Português”, publicada no dia 22 de setembro de 2013, é declarado que o Ministério da Educação assumiu este compromisso.

O maior interesse do Ministério de Educação (MED) é formar professores de modo a contribuir para a promoção e valorização de um corpo docente e agentes educativos com capacidade para materializar o ensino bilíngue em todas as escolas do país ao longo dos próximos seis anos.’

O processo formativo, conforme aponta um dos entrevistados, se deu da seguinte forma: “De início houve disponibilidade da escola, a escola que foi escolhida para participar da experiência piloto, então foi colocado à disposição de professores que estivessem disponíveis para participar da formação, pelo menos para formação inicial”.

Nessa perspectiva aconteceu a formação para os professores que se disponibilizaram em participar da experiência bilíngue. Para Pimenta (1997, p.9):

A formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes, tanto saberes de prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, assim como saberes de militância pedagógica. Pois estes são considerados os elementos que compõem a profissão docente, deve-se pensar a formação de professor como um projeto único englobando a inicial e a continuada.

Nessa lógica, a necessidade da formação contínua é muito importante, pois a formação do professor perpassa por muitos saberes que vão além da sala de aula, afinal, esse é um termo amplo que pode se referir tanto a formação básica, quanto a complementar e continuada. Pelo fato de uma pessoa ser professor/ a não se pode dizer que a sua formação está concluída, visto que isso depende muito das mudanças sociais.

Refletindo sobre tal aspecto, os entrevistados apontaram as seguintes questões:

Eu, pessoalmente, a minha formação não é nessa área, mas mostrei disponível para trabalhar com a língua Caboverdiana, eu ofereci diretamente porque nenhum dos outros professores tinha oferecido em trabalhar com língua Caboverdiana, eu por curiosidade mesmo, por vontade, por gosto. (Professor Nicolas)

Vejamos que o professor afirmou que não possuía formação na área de língua Caboverdiana, mesmo assim mostrou-se interessado com a proposta e se disponibilizou em trabalhar com a língua Caboverdiana. Tal fato condiz que nem sempre os professores trabalham na sua área de formação.

Sara Almeida, em fevereiro de 2015 no jornal expresso das ilhas de CV¹², cujo tema foi “Ensino Bilíngue: Duas línguas a par e passo”, ela aponta que segundo a entrevista da mentora do projeto”.

Os professores caboverdianos, na sua generalidade, não tiveram formação para ensinar língua Caboverdiana (LCV). Falar uma língua não faz de nós competentes para ensinar essa língua, na escola. A condição número um é, pois, ter professores com formação” (SARA ALMEIDA, 2015).

Como havia mencionado anteriormente, os professores Caboverdianos, na sua maioria, não receberam formação para ensinar língua Caboverdiana. Como se sabe, a disputa entre a língua crioula e a portuguesa é muito presente na realidade Caboverdiana, o que de certa forma acaba dificultando na falta de diálogo entre as duas línguas e o status que cada uma dessas línguas representa no que concerne ao sistema educacional.

Sobre isso, o professor Nicolas acrescenta ainda que.

Com a formação que tivemos nos foi dado orientação para trabalhar com aqueles alunos, mas eu não tenho formação específica na língua Caboverdiana para trabalhar em si, não tenho formação específica não. Minha formação é em educação artística. Eu tinha um colega que também estava nesse projeto, ele era de Ponta d’água, mas

¹² Artigo publicado em <https://expressodasilhas.cv/pais/2015/02/27/ensino-bilingue-duas-linguas-a-par-e-passo/44130>

ele possuiu é formação na língua e literatura Caboverdiana que ele teve na UNICV, professor Matheus, que também participou nesse projeto na escola de Ponta d'água”.

Tais afirmações demonstram que em Cabo Verde existe poucos professores com formação específica para trabalhar com a língua caboverdiana, pois nem todos os cursos de licenciatura tem componentes curriculares que abordam a língua e/ou a cultura Caboverdiana, por isso e por outras razões, era necessário que esses professores passassem por uma formação. Ainda, mais a frente, a professora entrevistada afirma o seguinte:

Tivemos uma formação específica só para trabalhar o ensino bilíngue, para trabalhar em simultâneo a LCV com a LP. Isso era necessário, tivemos essa formação, depois iniciamos foi só para iniciar porque não tínhamos formação para trabalhar com a LCV, então foi por isso que a prof. J. ficava sempre em contato com o professor. Depois eu e o professor íamos trabalhar durante a semana. Quem ministrava formação era a própria professora J. eu não me lembro de se tinha outras pessoas lá, mas ela estava na frente”. (Professora Gertrude)

Nessa perspectiva, de acordo com a fala dos entrevistados, o tempo de formação que lhes foi proporcionado não era suficiente. Apesar de eles serem Caboverdianos e conviverem com o crioulo cotidianamente não queira dizer que eles estavam preparados para trabalhar com o crioulo, afinal pela primeira vez eles aceitaram o desafio de ministrar aula na língua caboverdiana. Conforme a professora Gertrude, elas sempre tiveram auxílio da professora J. Professor Nicolas complementa que:

Do início a professora J. participou na formação... de início, mas na formação que tivemos durante três meses no Ministério da Educação em parceria com a UNICV que ofereceu a formação. Agora constantemente tivemos seminários com a participação de pessoas estrangeiras e outros professores também tiveram alguns seminários ao longo daquele projeto.

Levando em consideração o ponto de vista de que para ambos os entrevistados a falta de formação foi um dos maiores desafios encontrados durante a experiência bilíngue, é notório perceber que tal experiência acabou contribuindo no processo de ensino e aprendizagem de todos e todas que estiveram envolvidos, contribuindo no desenvolvimento do senso crítico de alguns Caboverdianos/as no que diz respeito ao espaço que essas duas línguas ocupam na sociedade do arquipélago e, em particular, no sistema educativo do país.

Do mesmo modo, acredito que essa experiência instigou o Ministério da Educação a pensar o processo de formação inicial e continuada dos professores. Sendo assim, isso fez com que os professores repensassem as suas práticas educativas, pensando numa reconfiguração e

requalificação dos profissionais da área educativa, isto é, no perfil e papel que esses profissionais desempenham dentro do trabalho.

4.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS *VERSUS* MATERIAIS DIDÁTICOS

Os dados da pesquisa evidenciam que a falta de materiais didáticos foi uma das maiores dificuldades encontradas na experiência bilíngue. Tanto a professora J. (mentora do projeto), quanto outros responsáveis que estiveram na linha de frente desse projeto, confirmam esta posição.

A falta de material, contudo, não quer dizer a sua total ausência. Conforme a mentora do projeto numa entrevista concedida a Sara Almeida do jornal Expresso da Ilhas de CV em fevereiro de 2015, “A falta de material não quer dizer que não haja materiais didáticos, pois é preciso haver um material orientador, um provérbio, ou qualquer outra coisa que pode ser utilizado como tal, desde que adaptado ao conteúdo que se pretende ensinar”.

Nota-se que, a mentora do projeto reconheceu que a falta de material não quer dizer que não exista outras possibilidades, mas é necessidade haver um material orientador. Repara-se que ela não menciona em trabalhar conteúdos que abordam a realidade do país. Desta feita, para além dos materiais citados pela mentora, existem outros materiais que podem ser utilizados no ensino bilíngue, no caso de contação de histórias, contos tradicionais, poemas, literaturas, letra das músicas, jogos e brincadeira tradicionais relacionados à realidade Caboverdiana.

Refletindo sobre a fala dos entrevistados com relação aos materiais didáticos, um dos entrevistados destaca que.

Materiais didáticos nesse ensino, durante a formação com a professora J. fomos orientados em relação a alguns materiais, então tivemos orientações de qual material poderíamos trabalhar, de acordo com os níveis dos meninos (alunos). (Professor Nicolas)

Conforme se constata na fala do professor, eles receberam orientações sobre quais materiais utilizar para trabalhar na sala de aula. Já no caso da utilização de outros materiais, para além dos que foram orientados e, pensando na possibilidade de produção de materiais que seriam possíveis trabalharem no ensino bilíngue, o professor Nicolas respondeu:

Claro que sim, porque diretamente nos deram algumas orientações de material, isso não significa que não tínhamos material compilado que nos foi dado para trabalhar, nos deram orientação de material que à medida que trabalhássemos iríamos produzir. Então o professor tinha autonomia para criar seu próprio material de acordo com os

parâmetros que tínhamos, então fizemos o nosso próprio material para trabalhar. Eu sabia que tinha que trabalhar com alunos do primeiro ano, eles têm que começar a ter o contato com a língua caboverdiana, começar a alfabetização em si na língua caboverdiana, então materiais tem que ser com base na alfabetização dos meninos (alunos) da primeira série, então foi isso que fizemos, ajustou o que tinha na língua portuguesa e tentamos ajustar para língua Caboverdiana.

Com base nessa afirmação, percebe-se que os professores tinham autonomia para adaptar e produzir seus próprios materiais desde que levasse em consideração o conteúdo ou níveis dos alunos/as, e com isso tinham a oportunidade de criar ou adaptar materiais que abordasse a realidade Caboverdiana, pois se acredita que o ensino bilíngue tem proporcionado essa oportunidade.

Com isso, o professor disse o seguinte:

Nós traduzimos textos, nós criamos músicas, nós criamos histórias, nós criamos poesias, então é conjunto de materiais que trabalhamos, fomos produzindo e criando, fomos adaptando aquelas matérias em português, buscamos livros de histórias que já existia, então foi com base nisso que fomos trabalhando. (Professor Nicolas).

Sobre essa afirmação e a anterior é válido todo o processo criativo, porém cabe uma reflexão sobre o letramento, que envolve as práticas sociais de uso da leitura, da escrita e da oralidade. Seria muito mais interessante se ele pegasse textos que já circulam na língua caboverdiana, mesmo que sejam textos da oralidade, ao invés de traduzir do português para crioulo o que leva a não valorização dos letramentos sociais da comunidade.

Professor Nicolas por outro lado afirmou que criou alguns materiais específicos como, histórias e poesias este que acabou inovando suas práticas pedagógicas, usando métodos que estimulasse a imaginação dos alunos/as trabalhando tanto a oralidade como a escrita, o ensino bilíngue em si proporciona esse diálogo entre as culturas. Contudo, cabe ressaltar que o professor poderia ter valorizado mais as práticas de letramento social, produzir materiais que valorizasse essas práticas, explorar jogos/brincadeiras tradicionais do país assim como as letras das músicas, contos, provérbios, uma vez que esses recursos sempre retratam da realidade do povo Caboverdiano, acredito que juntamente com os alunos, pais ou encarregados da educação eles poderiam construir e produzir materiais inovadoras para trabalhar no ensino bilíngue, para além disso tem a contação da história levando a comunidade local para dentro da sala de aula com objetivo de proporcionar um diálogo entre escola e a comunidade, ninguém melhor de quem conhece uma determinada realidade ou temática para falar sobre tal assunto.

Vejamos o que a professora Gertrude sustenta.

Professora J. trabalha com língua Caboverdiano em Portugal, logo aproveitava dos materiais que ela trabalhava para enviar para professor, as vezes o professor aproveitava os materiais para traduzir, tem livro de estória de “Lobu ku xibinhu” que é tudo no crioulo, tem alguns livros que já era no crioulo que ele tinha, existe um professor que fala muito na televisão sobre questão de língua Caboverdiano ele ajuda com os materiais o nome dele é M., ajudava muito esse projeto, o ensino ajuda muito na produção oral assim como escrita.

Ele teve que pegar as estórias e trabalhar com os alunos, as vezes estórias que os alunos levavam da casa, estórias que os seus pais lhes contavam na casa, pegava estória, canções tudo o que utilizamos na língua Caboverdiano ele aproveitava para trabalhar porque senão ele não iria ter material suficiente para trabalhar, ele trabalhava dessa forma com os alunos. Por exemplo, uma vez fui assistir à aula com ele, e ele colocou os alunos para contar uma estória depois eu coloquei os mesmos alunos para contar a mesma estória em língua portuguesa agora, foi muito interessante (Professora Gertrude).

Entende-se que a professora não teve muitas dificuldades com relação aos materiais, isto porque, sempre trabalhou com língua portuguesa, ao contrário do professor, que teve que fazer tradução de alguns materiais estavam em português para depois utilizá-los, e na falta dos materiais o professor produzia como bem destacou acima. A professora Gertrude faz destaque de alguns materiais que eles utilizaram ao longo desse ensino, práticas essa que valoriza os letramentos sociais do povo caboverdiano entre essas práticas temos as literaturas Caboverdianas, no caso da história de “lobu ku xibinhu”. Vale destacar que essa foi uma das histórias que sempre fazia parte dos manuais de língua portuguesa, recordo que anteriormente, no final do livro de língua portuguesa de 3º ano do ensino primário (referente ao ensino fundamental no Brasil), sempre tinha essa história. Se formos fazer uma pesquisa de campo com os alunos Caboverdianos, é possível que a maioria afirme que conhece essa história, porém acredito que mesmo sendo uma das literaturas infantis de Cabo Verde, o conteúdo em si não aborda a realidade do país.

Tal constatação nos leva a crer que a disparidade existente entre a língua crioula e portuguesa são várias. Considerando que quando se pensa no ensino bilíngue, pensa-se num modelo de ensino inclusivo, então ao em vez de focar muito em traduções e adaptações de materiais do português para a língua caboverdiana, por que não se pensar na construção e produção de materiais que valorizem a cultura e a língua que está sendo estudada? Um aspecto interessante que a professora destacou é que os alunos levavam para a sala de aula e compartilhavam com os demais colegas histórias que ouviam dos pais em casa, ou seja, os alunos já se sentiam mais a vontade de compartilhar os conhecimentos que levavam da casa para dentro da sala de aula.

Tavares (2020) nos conta sobre o ensino bilíngue nos Estados Unidos tendo em conta a comunidade da diáspora Caboverdiana e ressalta que:

Nos Estados Unidos, mas concretamente nos Estados de Massachusetts e Rhode Island, com a implementação da Lei de educação bilíngue nos estados que constituem essa região surge como resposta às lutas dos diversos movimentos sociais e minorias étnicas que lutaram pela instauração da equidade de direitos educacionais para os alunos filhos de imigrantes recém-chegados aos Estados Unidos que não possuem proficiência em Inglês (TAVARES,2020, p.5).

O mesmo afirma que essa conquista se derivou das várias lutas enfrentadas e com a participação dos movimentos sociais, em especial os ativistas da própria comunidade de imigrantes Caboverdianos como os Haitianos ali residentes, que lutaram em prol da vinculação da língua crioula no sistema de ensino desses alunos. Vale destacar que imigrantes oriundos desses dois países constituem a maioria entre as comunidades oriundas do “Terceiro Mundo”.

É de se referir que isso tem sido uma forma de resistência ajudando na preservação e na valorização da história e da cultura Caboverdiana através do ensino bilíngue, pois, mesmo estando na diáspora, esses alunos têm a oportunidade de conviver com a sua língua nativa dentro do espaço escolar, oportunidade essa que se estivessem em Cabo Verde talvez não teriam. Por outro lado, é uma forma dos alunos recém-chegados não se sentirem estranhos, sensação essa que muitas crianças se deparam logo no início quando frequentam a sala de aula.

Voltando a fala dos entrevistados, professor Nicolas ainda relata um dos principais desafios encontrados por ele.

“Desafio foi mostrar o lado bom desse projeto, e com relação aos materiais didáticos em si e formação de professores, no início tivemos encorajamento mais depois foi se perdendo, teve mudanças de políticas que acabou influenciando”.

Observa-se que, para além desses que foram considerados como principais desafios encontrados durante a experiência bilíngue (falta de formação e de materiais didáticos), Nicolas trás mais um aspecto como algo que foi desafiador para ele, que era tentar mostrar o lado bom desse projeto, porque conforme relata, no início receberam encorajamento, mas depois isso “foi se perdendo”. O relato do professor confirma que essas mudanças derivaram das mudanças governamentais que teve posteriormente, da mesma forma, tal afirmação nos leva a crer que as mudanças governamentais, e/ou ausências de políticas linguísticas efetivas, estão por detrás da não continuidade do projeto e do não alargamento do ensino bilíngue como haviam mencionado no início do projeto. Do mesmo jeito, isso nos faz refletir acerca da não oficialização da língua crioulo e da sua implementação no sistema de ensino, como foi citado nesse trabalho. Cada governante que estiver no poder sempre vai usar o velho discurso de que tem como projeto a oficialização da língua crioulo, mas que na verdade nunca sai do papel.

No dia 9 de novembro de 2021 foi publicada no expresso das ilhas de CV¹³ que o Governo vai introduzir a disciplina de Língua Caboverdiana no Ensino Secundário (a partir do 10º ano de escolaridade), no ano letivo 2022/2023. A iniciativa foi tomada pelo ministério da educação tendo em conta os novos planos curriculares e a reforma de ensino secundário.

É de se referir sobre a necessidade da implementação da língua crioulo no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, principalmente nos anos iniciais (a fase de alfabetização). Percebe-se que essa fase é uma das fases primordiais no processo de ensino e aprendizagem de qualquer um. Retratando sobre “Política educacional e a prática da alfabetização inovadora que resiste ao sucateamento da educação” Saviani (2021), afirma que a alfabetização é a fase fundamental de toda a história de ensino, as origens do insucesso escolar estão na má alfabetização. Compreende-se que a introdução da língua crioulo no ensino é muito importante, mas na fase de alfabetização este deveria ser uma prioridade porque isso vai influenciar no sucesso ou insucesso escolar dos alunos.

No processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, segundo Araújo, Frade e Coscarelli (2020), é importante trabalhar com as multimodalidades de linguagens existentes, pois, é necessário explorar outros recursos de criação de textos. Nos espaços escolares assim como familiar podemos analisar as diferentes possibilidades pedagógicas de multimodalidade desde os textos, gestos, imagens, audiovisual entre outros materiais que podem ser utilizados como recursos pedagógicos.

Entende-se que é necessário explorar outras formas de linguagem, pois, materiais didáticos não se restringem somente a ideia padrão que se tem sobre manual de livros escolares como muitas vezes acontece; exemplificando, em Cabo Verde, há muitos jogos/brincadeiras que podem ser utilizados como recursos pedagógicos, mas que damos pouca importância. Recordo que durante uma aula de etnomatemática a professora um dia levou para a sala de aula um jogo que é bastante praticado em Cabo Verde, mas nunca tinha parado para pensar que esse jogo poderia servir como recurso pedagógico para trabalhar na sala de aula, porque é um jogo que estimula muito o raciocínio, te ensina a fazer cálculo, mas que no cotidiano do país usamos como uma simples diversão ou passatempo, principalmente para os adultos ou idosos. Esse jogo em Cabo Verde é denominado de oril.

Uma pesquisa sobre jogos e brincadeiras Cabo-verdianas está sendo desenvolvida e coordenada pela professora Mighian Danae na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), através do projeto intitulado “Nô bá brinca, vamos

¹⁴ Matéria publicada. <https://observalinguaportuguesa.org/generalizacao-do-ensino-bilingue-em-cabo-verde/>

brincar ahi tlangui? Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras”. Tal proposta relaciona-se diretamente com as abordagens pedagógicas inovadoras necessárias para a promoção da equidade racial. Na primeira fase da investigação do projeto, intencionamos realizar uma pesquisa com mulheres e homens entre quarenta e sessenta anos em países que tem o português como língua oficial. Então, a partir dessa pesquisa, constatei que temos uma diversidade de jogos e brincadeiras tradicionais que podem ser utilizados como recursos pedagógicos, afinal a criança aprende e se descobre por meio de jogos e brincadeiras que acabam assim contribuindo em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Outra coisa a se destacar aqui é que a partir das minhas pesquisas no Google, constatei que praticamente não existe nada registrado sobre jogos e brincadeiras Caboverdianas, jogos/brincadeiras que fazem parte da cultura da história do povo Caboverdiano em si, mas por outro lado existe a tradição oral, a memória.

4.3 BENEFÍCIOS DA EXPERIÊNCIA BILÍNGUE

A proposta do ensino bilíngue desenvolvida em Cabo Verde proporcionou mais um passo na história da educação Caboverdiana mesmo que num curto espaço de tempo. Professora J. a partir do seu projeto de ensino bilíngue, tentou uma intervenção no que se refere ao ensino e a valorização da língua crioula no sistema educativo de Cabo Verde, embora espelhando uma realidade Caboverdiana da diáspora. Ela conseguiu adequar um projeto voltado para o contexto caboverdiano, e este, de certa forma, teve impacto na vida dos sujeitos que tiveram a oportunidade de vivenciá-la.

Refletindo sobre as falas dos entrevistados, percebe-se que o ensino bilíngue proporcionou vários benefícios e contribui no processo de ensino e aprendizagem, como aponta uma das entrevistadas:

Para mim essa experiência bilíngue durante todo o meu ano de serviço este foi a experiência mais incrível que já tive enquanto professora, pois essa experiência ajudou na aprendizagem dos nossos alunos aqui em Cabo Verde, então este foi uma experiência que não consigo expressar com palavras o que eu senti, porque trabalhava eu e o meu colega eu ministrava a aula na língua portuguesa e meu colega na língua caboverdiana, este ensino me ajudou bastante na aula de língua portuguesa. (Professora Gertrude).

Tal afirmação mostra o quanto ensino bilíngue influencia e auxilia no processo de ensino e aprendizagem dos que tiveram oportunidade de vivenciar essa experiência. Vejamos que ela, durante a entrevista, afirmou que já tem mais de 25 anos de profissão como professora e nunca

tinha vivenciado uma experiência como essa. Nessa mesma lógica o professor Nicolas ressalta que “teve impacto bastante positivo, alunos foram preparados para trabalhar em simultâneo nas duas línguas, alunos tiveram a oportunidade de escrever o que eles expressavam em casa” (professor Nicolas).

Vê-se, que para ambos, essa experiência impactou não só na vida dos alunos, mas dos professores também. Para o professor Nicolas, o ensino bilíngue possibilita os alunos/as a estudar nas duas línguas, nesse caso, a língua caboverdiana e língua portuguesa, de uma forma simultânea, sem falar dos outros benefícios que este traz. Isso possibilitou aos alunos e aos professores a oportunidade de escrever o que expressavam em casa, isto é, esses alunos tiveram a oportunidade de levar para a sala de aula seus conhecimentos e compartilhá-los com os demais colegas da sala de aula, do mesmo modo, tiveram a oportunidade de escrever na mesma língua que pensam, questão essa que não acontece quando o ensino é somente na L2. De acordo com o professor Nicolas:

Durante aquele período aprendi muito a preparar para trabalhar com eles, foi grande vantagem para mim porque, sobretudo na língua, eu não tinha aprendido muito sobre língua cabo-verdiana. Então comecei a ganhar conhecimento sobre isso mesmo para a minha formação.

Eu pessoalmente, vejo que o ensino bilíngue, que este projeto em si deveria continuar. O Ministério da Educação já tinha planos de alargar este projeto. No início o ministério tinha planos de alarga-lo para outras escolas, eu pessoalmente via isso com bons olhos, porque via até que ponto os meninos iriam ganhar com esse projeto. Porque aprender na nossa própria língua, na nossa língua materna, olhava isso como uma vantagem na aprendizagem assim como para outras áreas porque como se sabe nós pensamos em Caboverdiano e depois traduzimos para outras línguas, tudo isso é um esforço, então aprender em si, aprender na língua Caboverdiano, estudar de maneira bilíngue ajudaria muito, mesmo na vantagem de aprender língua estrangeira, olhava isso como uma vantagem de aprender uma terceira ou quarta língua, porque pensamos no crioulo e depois tentamos passar para língua portuguesa, para inglês, então conhecendo bem o crioulo seria uma vantagem (Professor Nicolas).

É importante percebermos que no início o Ministério da Educação assumiu o compromisso de levar esse projeto para as demais escolas do país, Nicolas deixa transparecer a satisfação dele de participar desse projeto porque, afinal, pela primeira vez, os alunos estavam tendo a oportunidade de conviver com as duas línguas na sala de aula sem se sentirem desconfortáveis para expressar-se. Da mesma forma, o professor olhava isso como uma vantagem que trazia inúmeros benefícios para a aprendizagem, possibilitando o aluno a aprender uma segunda, terceira ou quarta língua, como já mencionado em outros momentos.

Conforme uma matéria publicada na Agência Lusa denominada Observatório de Língua Portuguesa, em fevereiro de 2016, Praia, 22 fev. (Lusa)¹⁴ – As turmas de ensino da língua materna caboverdiana duplicaram num espaço de dois anos, uma experiência que as autoridades locais dizem que ajuda os alunos a melhorar o seu desempenho e a ter a consciência da identidade caboverdiana.

Em declarações à Agência Lusa, no âmbito de um atelier de reflexão sobre a educação bilíngue em Cabo Verde, a diretora nacional da Educação, Margarida Santos, disse que o ensino bilíngue está a ser feito sem mexer nas variantes da língua materna do arquipélago.

Estudos preliminares empreendidos no Burk High School evidenciam as múltiplas vantagens da educação bilíngue e multicultural, sobretudo para estudantes filhos de imigrantes recém chegados aos Estados Unidos, que não possuem a proficiência no Inglês; estudos também evidenciam que existe uma melhora no desempenho escolar sobretudo no que concerne ao domínio do inglês, tem a prerrogativa de desenvolver recursos didáticos específicos e diversificados consoante a realidade dos alunos (TAVARES, 2020, p.6).

Quando perguntei ao professor Nicolas sobre como era o comportamento dos alunos na sala de aula em relação a participação se eles participavam mais em termos da leitura e escrita. Se houve maior desempenho em relação a isso?

O professor afirmou o seguinte: Essa parte que foi surpreendente para mim, porque eu já trabalhava há algum tempo com alunos, então percebi uma grande diferença, percebi que os alunos estavam participando muito mais porque eles estavam tendo oportunidade de um momento direcionado a língua caboverdiano e outro a língua portuguesa, então os alunos participavam nas duas modalidades no caso, isso porque antes eles tinham só oportunidade de expressar em português.

Foi um momento no qual podemos avaliar positivamente este projeto, no sentido de participação dos alunos porque todos aqueles alunos abertamente tiveram vários momentos, nós tivemos que mostrar isso para outros professores, nas atividades que eram realizadas na escola os meninos sempre ficavam mais à vontade para participarem tanto em português como na língua caboverdiana.

Então eles estavam à vontade para participar de qualquer atividade porque eles mostraram essa abertura porque eles começaram no cabo-verdiano, depois disso fomos alargando cabo-verdiano ao mesmo tempo em que o português, então eles desenvolveram melhor capacidade de expressão na língua portuguesa também, então isso foi um dos momentos que fizemos avaliação positiva. Os alunos participavam em qualquer atividade não só as atividades realizadas na turma, mas também outras atividades realizadas na escola, hoje esses alunos já estão no 9º e 10º (do ensino médio), então até ainda tenho contato com eles, lhes acompanho de certa forma, embora o projeto parasse eu continuei a lhes acompanhar o desempenho deles (Nicolas).

¹⁴ Matéria publicada. <https://observalinguaportuguesa.org/generalizacao-do-ensino-bilingue-em-cabo-verde/>

Diante disso, as evidências demonstram que de fato o ensino bilíngue realmente contribui na melhora do desempenho escolar dos alunos, o que interfere no processo de aprender outras línguas com mais facilidade, por assim dizer, da mesma forma, segundo a afirmação do professor os alunos não tinham mais receio de participar das atividades realizadas tanto na turma como na escola em geral. Essa modalidade de ensino possibilita também a construção de materiais voltados para o contexto social dos alunos e isso é muito importante no processo de ensino e aprendizagem.

Da mesma forma, professora Gertrude afirma que:

No ensino da língua caboverdiana os alunos ficam mais abertos para expressar, os alunos no início da aula perguntavam se a aula vai ser na língua caboverdiano ou língua portuguesa. Eles ficavam todos felizes e motivados quando a aula era na língua cabo-verdiana; quando era professor Nicolas ele falava em crioulo, quando era eu falava em português, então eles já sabiam diferenciar desde o primeiro ano de ensino as duas línguas. Essa experiência deveria ser vivida por outros professores. De uma forma geral o professor Nicolas considera que foi um projeto bom com resultado positivo, foi ano em que eu tive maiores resultados com a língua portuguesa por parte dos alunos, tanto na escrita como na oralidade. Pensamos sempre no crioulo, mas no momento da escrita escrevemos em português, mas com o ensino bilíngue os meninos pensam em crioulo e escrevem em crioulo (professora Gertrude).

Ora, a satisfação da professora é perceptível com relação aos resultados obtidos ao longo dessa experiência de ensino bilíngue.

Notei que esses meninos aos contrários das pessoas que escrevem as mesmas palavras três vezes diferentes, isso não acontece com esses meninos; eles agora esforçam para escrever aquele crioulo com regra, da forma que eles aprenderam, então podemos ver essa grande diferença (professor Nicolas).

Diante das evidências apresentadas, nota-se que a experiência de ensino bilíngue possibilitou explorar outras formas de saberes tanto por parte dos alunos, como dos professores. Observamos que, para o professor, esses alunos/as que passaram por essa experiência se destacam com relação à escrita na língua crioula ao contrário dos que não vivenciaram essa experiência. O professor refere ainda que cada um escreve da sua maneira, mas pode aperfeiçoar essa escrita a partir dessa experiência. Nota-se que em Cabo Verde a maioria das pessoas domina mais a oralidade do que a escrita, diria que a rede social tem sido hoje um meio no qual muito estão praticando e divulgando o crioulo.

Com relação a leitura o resultado também foi muito bom, até fizeram uma comparação, o pessoal do ministério da educação foram para a escola e fizeram comparação entre alunos que estudavam no ensino bilíngue e os alunos de turmas normais então logo perceberam que os alunos da turma bilíngue tiveram maior resultado durante aquele ano letivo, tinham trabalhado o ensino bilíngue do 1º ao

4ºano depois 5º e 6º eu não lembro se o professor continuou sozinho, porque eu tinha mudado de escola (Gertrude).

Do mesmo modo, observou-se também um maior desempenho na língua portuguesa dos alunos que vivenciaram o ensino bilíngue. Os alunos que vivenciaram essa experiência de ensino bilíngue se destacaram mais com relação a nível de desempenho escolar, conforme os resultados apresentados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito tem se questionando da necessidade da imersão da língua materna no processo de ensino e aprendizagem das alunas/os, com isso estimulando as diferentes habilidades bem como associação de ideias e capacidade de análise e de síntese, entre outras habilidades que auxiliam e contribuem no processo de ensino e aprendizagem. O ensino bilíngue nos possibilita fazer uma abordagem mais voltada para a cultura, trabalhando elementos que valorizam a realidade social. O crioulo cabo-verdiano é considerado um dos principais elementos da identidade cabo-verdiana. Mesmo fazendo parte da história do cotidiano dessa nação, esta língua não ocupa os espaços ditos “formais” até um certo ponto; em contrapartida, está a língua portuguesa, que ocupa um lugar de mais prestígio social, dominando os espaços ditos formais, entre os quais, o sistema educacional. A questão é que as duas línguas não detêm os mesmos prestígios.

Tendo em conta a realidade do país, é necessário que as crianças convivam com as duas línguas quando estiverem inseridas no espaço escolar, sem ter que deixar de expressar ou aprender na sua língua materna (L1), como tem acontecido até então nos espaços ditos “formais”. Contudo, até mesmo em tais espaços, como por exemplo nas sessões parlamentares, muitas vezes os deputados e os demais políticos debatem em crioulo, porque eles sabem que expressar-se na própria língua materna faz com que o sujeito fique mais à vontade e desenvolto. Nota-se que, por vezes, tem uns e outros que, mesmo começando o discurso em português, acabam dando continuidade em crioulo, porque a língua materna lhes instiga a isso, a língua materna lhes “fala mais alto”.

Conforme a pesquisa desenvolvida, tendo conta o embasamento teórico e os resultados analisados, a experiência bilíngue desenvolvida na escola José Carvalho, proporcionou momentos de muito aprendizado, apesar de ter sido desafiadora por conta das dificuldades encontradas, tais como falta de professores formados na área de língua cabo-verdiana e precariedade de materiais didáticos. Com base nos autores e autoras citados e alguns outros pesquisadores que vem discutindo sobre tal assunto, assim como no relato dos docentes que estiveram envolvidos nessa experiência, é perceptível que o ensino bilíngue possibilita inúmeras vantagens, tais como melhores aproveitamentos em termos da leitura e escrita, facilita o processo de aprender outras línguas, os alunos participam mais, entre outras vantagens que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem tanto por parte das alunas e dos alunos, como das professoras/professores, assim como os pais ou encarregados da educação dos alunos. Tendo em conta o contexto sociolinguístico do país, nem todos têm contato com a língua

portuguesa e para aqueles pais ou encarregados da educação que só convivem com língua crioula, fica muito mais fácil acompanhar e ajudar seus filhos nas tarefas.

Essa pesquisa chega à seguinte conclusão, conforme o relato dos docentes: os alunos estavam mais aptos para contribuir e partilhar seus conhecimentos dentro e fora da sala de aula. No relato dos docentes que ministraram aulas, destacaram que os alunos levavam de casa para a sala de aula histórias, conhecimentos e compartilhavam-no com a turma, ao mesmo tempo, demonstravam motivados em participar durante as aulas. De acordo com o que foi relatado nas entrevistas, o ensino bilíngue proporciona uma maior aproximação com a realidade dos alunos, isto é, os conteúdos que são abordados, os materiais utilizados, a proposta metodológica utilizada tem mais a ver com a realidade dos alunos (as). Na falta de materiais didáticos, o professor recorria, em alguns casos, a novas propostas pedagógicas que tinha a ver com a realidade das alunas/os, proposta essa que lhes incentivava a participar mais nas aulas. De fato, trabalhar temáticas que dialogam com a realidade dos alunos, lhes motiva a participar. Tal aspecto é importante em qualquer realidade de ensino. Pude constatar, por exemplo, durante a minha experiência de regência no Programa Residência Pedagógica da Unilab, que os alunos participavam mais das aulas quando o assunto estava relacionado à realidade deles, todos sempre queriam dar sua contribuição. Percebe-se assim, conforme já foi mencionado, que o ensino bilíngue estimula os alunos a participarem mais, a partir da valorização da sua própria língua, identidade e cultura.

Embora alguns Caboverdianos discordem da implementação da língua crioula, sustentando a ideologia de que o ensino na língua crioula pode atrapalhar no aprendizado da língua portuguesa, já ficou comprovado que isto não é verdade. Ao contrário, segundo os dados dos entrevistados, o ensino bilíngue possibilita aos alunos aprenderem uma segunda, terceira ou quarta língua com maior facilidade, ou seja, o ensino bilíngue proporciona diversos benefícios que contribuem no processo de ensino e aprendizagem como um todo. Como mencionou a professora Gertrude na entrevista, durante toda a sua carreira como professora, nunca tinha alcançado resultados tão positivos por parte das alunas/os como aconteceu nessa experiência de ensino bilíngue. Para a mesma, este tipo de ensino ajudou muito os alunos a compreender melhor a língua portuguesa, isso porque o aluno Caboverdiano não domina a língua portuguesa, não obstante esta ser a língua de ensino, uma vez que não se trata da sua L1 e este fator acaba atrapalhando no seu processo de aprendizagem. Tanto o professor Nicolas como a professora Gertrude destacaram que os alunos estavam mais aptos tanto a nível da escrita como da oralidade, tanto na língua crioula como na língua portuguesa. Tal constatação veio a ser comprovada pelo próprio Ministério da Educação, juntamente com a mentora do

projeto que tiveram a ideia de realizar uma avaliação comparando a turma onde tinha o projeto bilíngue com a turma que não tinha esse projeto. O resultado da turma bilíngue foi muito mais positivo e satisfatório.

É importante frisar que essa experiência bilíngue serviu como uma amostra e uma alerta ao mesmo tempo. A partir dessa experiência ficou nítido que o processo da oficialização da língua crioula e sua inserção no sistema de ensino está intimamente ligado a questões políticas. Percebe-se que durante a entrevista, o professor Nicolas, deixa transparecer que este projeto de ensino bilíngue foi cancelado por conta de mudanças governamentais; a partir do momento que houve mudança de governo tudo mudou. O mesmo ressalta com um certo sentimento de tristeza, apontando que foi várias vezes ao Ministério da Educação na tentativa de continuar com o projeto, mas sem sucesso. Ele fez o que podia para que esse projeto continuasse, mas infelizmente não dependia dele.

Nessa perspectiva nota-se que os órgãos governamentais devem criar, além de políticas linguísticas para a implementação deste ensino, mais políticas públicas voltadas para a formação de professores, visto que este foi um dos maiores desafios enfrentados pelos profissionais, segundo esta pesquisa. O mesmo vale com relação aos materiais didáticos para trabalhar com a língua caboverdiana. Esse fato nos leva a crer na necessidade de rever os currículos escolares, pensando num currículo que dialogue com a realidade do país. Isso é muito necessário porque segundo a pesquisa, poucos professores Caboverdianos possuem formação na língua e cultura Caboverdiana, tão pouco estudamos sobre a realidade do arquipélago, quiçá sobre outros países Africanos. A realidade é que muitos caboverdianos só estudam e compreendem melhor a história do seu próprio país quando saem fora para estudar.

Refletindo sobre os materiais utilizados no ensino bilíngue, apesar dos dados comprovarem que a falta de materiais foi um dos principais desafios, acredito que faltou um pouco de criatividade tendo em conta que a proposta do ensino bilíngue é voltada mais para a realidade do contexto sociocultural. Apesar dos professores terem utilizado alguns materiais produzidos em crioulo, como no caso da história de LOBO y Chibinhu, poesias, histórias que as crianças levavam da casa e outras produções em português.

A meu ver, a tradução dos materiais do português para o crioulo fugiu um pouco da proposta, visto que os materiais em português foram elaborados para trabalhar com o ensino na língua portuguesa. O professor teve uma proposta interessante quando trabalhou com contações de histórias, contos tradicionais e poesias, materiais estes que estavam ligados à realidade. Desta feita, ele poderia explorar outros recursos que podem ser utilizados como materiais didáticos, transformando-os em conteúdo pedagógico. Pode-se, por exemplo, explorar diferentes gêneros

da língua escrita, assim como da oralidade, tais como provérbios, receitas, cantigas, jogos/brincadeiras, contos entre outros.

Convém salientar que essa experiência só comprovou a disparidade existente entre as duas línguas. Tal constatação nos instiga a refletir acerca da necessidade dos Cabo-verdianos começarem a produzir mais, aproveitar dos poucos recursos que se tem, aproveitar as histórias que são contadas pelos nossos ancestrais e registrar, aproveitar as letras das músicas, poesias, contos, jogos e brincadeiras, entre outros, que podem ser utilizados como materiais pedagógicos e, a partir disso, trabalhar outras linguagens com os/as alunos/as, para que sejamos protagonistas das nossas histórias e assim contribuir para que haja uma educação inovadora e libertadora.

Por fim, considera-se urgente e necessário que as crianças sejam alfabetizadas na sua língua materna, para que possam falar e escrever na sua primeira língua dentro da sala de aula, sem se sentirem desconfortáveis, ou com medo ou vergonha só pelo simples fato de não se expressarem bem na língua portuguesa; situação esta que outrora gerou e tem gerado uma sensação de constrangimento público, sendo assim um entrave para um processo harmonioso de desenvolvimento e aprendizagem na infância.

Referências

- AGENCIA LUSA. Governo aberto para debater elevações do crioulo e língua oficial em CV. 2020. Disponível em: <https://observador.pt/2020/02/06/governo-aberto-para-debater-elevacao-do-crioulo-a-lingua-oficial-em-cabo-verde/#>. Acesso em 28 de Maio de 2020.
- AGUIAR, Arruda Kelly e MEDEIROS, Nogueira Gabriela. Tenses e disputa entre a língua crioula cabo-verdiana e a língua portuguesa desde a independência de Cabo Verde, Brasil, *Revista De Educação Do Vale Do Arinos - RELVA*, Rio Grande R/G, V.6, n.2, p.139-159, 2019.
- ALMEIDA, Sara. Ensino Bilíngue: Duas línguas a par e passo. 2015. Disponível em; <https://expressodasilhas.cv/pais/2015/02/27/ensino-bilingue-duas-linguas-a-par-e-passo/44130>. Acesso em 15 de novembro de 2021.
- ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira; FRADE, Isabel Cristinal Alves da Silva, & COSCARELLI, Carla Viana (2020). Multimodalidade: Aproximações Conceituais, Infantis e Propostas Pedagógicas. *Revista Brasileira De Alfabetização*, (13), 4-25. <https://doi.org/10.47249/rba2020454>.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*, o que é, como se faz; São Paulo, edições Loyola, 49ª edição, 2007.
- BECKERT, Ronny. *Kabuverdianu* no sistema educativo em Cabo Verde e o seu *status* em relação ao português; *Revista Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 4, p.1-24, 2020.
- BRANCO, Luiza Kátia Castelo. **As línguas de Cabo Verde – o cabo-verdiano e o português**: lugar onde joga o equívoco. 2008, nºfolhas 19 (Graduação em Letras) - UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Linguística, Rio de Janeiro-RJ, 2008.
- CÁ, Virginia José Baptista. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural**: O caso da Guiné-Bissau; 2015, nºfolhas 176 (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade da Educação, Belo, Horizonte, p.1-176, 2015.
- CABO VERDE. **Constituição da República de Cabo Verde**. 2ª Revisão Ordenaria-2010, Praia, 2012, p.17-174.
- CABO VERDE. I SÉRIE — NO 11 «B. O.» DA REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2009. Disponível em <http://alupec.kauberdi.org/pdf/decreto-lei-8-2009.pdf>. Acesso 10 de Fevereiro de 2020.
- CARDOSO, Ana Josefa Gomes. **As Interferências Linguísticas do Cabo-verdiano no**
- CARDOSO, Ângela Cristina; GOLDMEYER, Marguit Carmen e MOURA, Selma de Asis. *Práticas reflexivas na educação bilíngue*; São Leopoldo, OIKOS editora, 2020.

Disponível em: <https://santiagomagazine.cv/cultura/o-bilinguismo-oficial-caboverdiano-bilinguismo-diglossia-e-problematicas-relativas-as-politicas-de-cooficializacao-da-lingua-cabo>. Acesso em 23 de junho de 2021.
docente/. Acesso em 16 de agosto de 2021.

FLORY, Elizabete V. & Maria Thereza C. C. de SOUZA. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. **Revista Intercâmbio**, cidade? Volume XIX: p.23-40. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2009, p.1-18.

FREITAS, Shirley. **Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu**. 671 f.2016. Tese (Doutorado em Filosofia e Língua Portuguesa)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Letras, Universidade de São Paulo; São Paulo, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, São Paulo, editora Atlas S.A, p.1-220, 2008.

LOPES, José de Souza Miguel. O bilinguismo em Debate. Cultura acústica e letramento em Moçambique: Em busca de fundamentos antropológicos para a educação intercultural para a educação intercultural, São Paulo, EDUC, 2004.

MADEIRA, Joao Paulo. A língua C. Verdiana como elemento da identidade- Universidade de Cabo Verde, **Revista de Letras**, Praia, Vol.II, nº12, p.77-85, 2013,

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Cidade? V. 3, n. 5, p.1-13, agosto de 2005.

MONTEZINHO, Jorge. Amílcar Cabral: “A língua Portuguesa é uma das melhores coisas que os Portugueses nos deixaram”.2014. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2014/06/30/amilcar-cabral-a-lingua-portuguesa-e-uma-das-melhores-coisas-que-os-portugueses-nos-deixaram/42398>. Acesso em 20 novembro de 2020

NASCIMENTO. Elisabete. Afroletramento Docente. Universidade Candido Mendes, S/A, p.1-10. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/2010/10/26/afroletramento->

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Professores- Saberes da Docência e Identidade do Professor**; Nuances-vol. III. 199, nºfolhas11 Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada. Faculdade de Educação-USP, São Paulo-S/P,1997, p.1-11.

PRATA, Fernanda. **O sistema predominal do Caboverdiano (Variante de Santiago) Questões de Gramática**, 2002, nºfolhas 136 (Dissertação de Mestrado em Linguística) Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p.1-136, 2002.

Processo de Aprendizagem do Português, 2005, nºfolhas, 335 (Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais), Faculdade, Universidade Aberta, Lisboa, 2005.

Projeto Bilingue: Há um conjunto de Situações a resolver para que seja implementado de outra maneira, diz ministra.2020 Disponível em <https://muzika.sapo.cv/eventos/novidades->

[eventos/artigos/projeto-bilingue-ha-um-conjunto-de-situacoes-a-resolver-para-que-seja-implementado-de-outra-maneira-diz-ministra](#). Acesso em 11 de fev. de 2020.

RAMOS, Maria da Luz Silva. **Fenômeno elitista em Cabo-verde**. 1.º Seminário sobre Ciências Sociais e Desenvolvimento em África; p.1-330, 2012.

ROSA, Ailene Cristina Brito. ENSINO Bilíngue Em Cabo Verde: Desafios E Práticas Educativas. Ceará, Repositorio.unilab.edu.br, 2017, p.1-11.

SEMEDO, Victor Manuel Eugénia; MARTINS, Aracy Alves e GOMES, Maria Amélia Rodrigues de Carvalho. Caminhos Históricos da Oficialização da Língua Cabo-Verdiana; e-hum. **Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social**, Belo Horizonte, vol. 8, n.º 2, p.1-15, 2015.

TAVARES, Fernando Jorge Pina. Educação Bilíngue e os Desafios da Inclusão da Língua Nativa Caboverdiana nos Processos de Ensino e Aprendizagem- Estados Unidos da América, **Revista de Humanidades e Letras Massachusetts**, Vol. 6 | Nº. 1; P.1-25; 2020.

TAVARES, FERNANDO P. **Educação e diversidade em Cabo Verde: um estudo sobre a pedagogia de exclusão da língua materna do Sistema de Ensino**. In: PEREIRA, Amílcar Araújo; COSTA, Wesley. (Orgs.). Educação e diversidade em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.p.1-328.

TIMBANE, Alexandre António. **A Variação E A Mudança Lexical Da Língua Português Em Moçambique**, 2013, nºfolhas 319 (Tese de Doutorado, apresentado ao Conselho, Departamento), Faculdade de Ciências e Letras –UNESP Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara – SP, 2013.

TIMBANE. Alexandre António. A variação linguística do português moçambicano: uma análise sociolinguística da variedade em uso.-**Revista Internacional em Língua Portuguesa** – Goiás, Vol? Nº 32, p.1-20, 2017.

TORQUATO, Cloris Porto. **Políticas linguísticas desenvolvidas em Cabo Verde (África)**, ano 2009, nºfolhas 36 Tese (doutorado) - Instituto de Estudos de Linguagem Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

VEIGA, Danilson I. G. da. **Identidade e diferença na construção da cultura cabo-verdiana**: uma abordagem fanoniana. 2016. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2016.

VEIGA, Manuel. Cabo Verde: da Diglossia à Construção do Bilinguismo Cabo Verde: from diglossia to Building bilinguismo, **PAPIA**, São Paulo, vol.25, nº2, p.177-187, Jul/Dez 2015.

VEIGA, Manuel. O Crioulo e o Português em Cabo Verde. 2009 Disponível em: <https://sibila.com.br/mapa-da-lingua/o-crioulo-e-o-portugues-em-cabo-verde/2753>. Acesso em: 28 mai.2020.

Apêndices

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Professores/as

- 1- Profissão
- 2- Qual foi o impacto que a experiência do ensino bilíngue realizada na escola teve na sua vida enquanto professor/a?
- 3- Você acha que esse ensino impacta na aprendizagem dos alunos/as em relação a língua portuguesa?
- 4- Qual foi a maior dificuldade ou desafio encontrado por você nessa experiência de ensino?
- 5- Você recebeu alguma formação específica, antes ou durante o projeto, para atuar na experiência do ensino bilíngue?
- 6- Na sua concepção o ensino bilíngue deveria continuar? Por quê?
- 7- Quais foram as adaptações feita ao longo desse ensino?
- 8- Como se deu a escolha de materiais didática para o ensino bilíngue?
- 9- Quais foram os resultados obtidos ao longo desse ensino?
- 10- Após alguns anos como você se sente, visto que não existe mais esse ensino?

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar do Projeto de Pesquisa. **O Bilinguismo e suas experiências em Cabo Verde (Ilha de Santiago): Desafios e perspectivas**, desenvolvidos através da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malés, como trabalho de conclusão de curso da estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia Jacica Helena Lopes Fernandes. O projeto tem como principais objetivos, entender o funcionamento da proposta pedagógica de ensino bilíngue desenvolvida na ilha de Santiago (Cabo Verde), verificar quais foram os principais desafios enfrentado pelos profissionais da educação dentro e fora das salas de aula, durante o ensino bilíngue, compreender como se dá a formação dos professores para atuar com o ensino bilíngue, identificar as políticas educacionais estabelecido pelo governo para a implementação de experiências de ensino bilíngue. Assim, sua participação será muito importante, no sentido de contribuir para ao alcance dos objetivos acima mencionados.

A partir da sua aceitação voluntária você participará de uma entrevista semi-estruturada que será gravada a partir de um encontro (em plataforma virtual) a ser agendado.

Os dados fornecidos serão utilizados apenas para fins científicos, sendo que a qualquer momento você poderá ter acesso às informações sobre os procedimentos e benefícios relacionados ao estudo, inclusive para resolver dúvidas que possam surgir. Sua identificação será preservada e após a análise dos dados a gravação será distribuída.

DECLARAÇÃO

Eu, _____, declaro que é de livre e espontânea vontade que estou participando como voluntário (a) da pesquisa. Declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. Aceito participar voluntariamente desta pesquisa e sei que posso desistir da participação a qualquer momento. Declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste termo.

São Francisco do Conde, 18 de outubro de 2021

Jacica Helena Lopes Fernandes

Voluntário (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar do Projeto de Pesquisa: **O Bilinguismo e suas experiências em Cabo Verde (Ilha de Santiago): Desafios e perspectivas**, desenvolvidos através da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, como trabalho de conclusão de curso da estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia Jacica Helena Lopes Fernandes. O projeto tem como principais objetivos, entender o funcionamento da proposta pedagógica de ensino bilíngue desenvolvida na ilha de Santiago (Cabo Verde), verificar quais foram os principais desafios enfrentado pelos profissionais da educação dentro e fora das salas de aula, durante o ensino bilíngue, compreender como se dá a formação dos professores para atuar com o ensino bilíngue, identificar as políticas educacionais estabelecido pelo governo para a implementação de experiências de ensino bilíngue. Assim, sua participação será muito importante, no sentido de contribuir para ao alcance dos objetivos acima mencionados.

A partir da sua aceitação voluntária você participará de uma entrevista semi-estruturada que será gravada a partir de um encontro (em plataforma virtual) a ser agendado.

Os dados fornecidos serão utilizados apenas para fins científicos, sendo que a qualquer momento você poderá ter acesso às informações sobre os procedimentos e benefícios relacionados ao estudo, inclusive para resolver dúvidas que possam surgir. Sua identificação será preservada e após a análise dos dados a gravação será distribuída.

DECLARAÇÃO

Eu, Jacica Helena Lopes Fernandes, declaro que é de livre e espontânea vontade que estou participando como voluntário (a) da pesquisa. Declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. Aceito participar voluntariamente desta pesquisa e sei que posso desistir da participação a qualquer momento. Declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste termo.

São Francisco do Conde, 18 de outubro de 2021

Jacica Helena Lopes Fernandes

Voluntário (a) Jacica Helena Lopes Fernandes

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre sua participação na pesquisa entre em contato com a estudante pesquisadora responsável e/ou com sua orientadora no Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, localizado na Av. Juvenal Eugênio Queiroz, s/n – Baixa Fria, CEP 43900-000, São Francisco do Conde-Ba, ou encaminhe e-mail para jacicafernandes@hotmail.com com cópia para marina.barbosa@unilab.edu.br

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevistado x: Di akordu ku purguntas intrivistadu x rispondi o seguinte, (de acordo com as perguntas entrevistado x respondeu o seguinte):

Kal ki foi impatu ki kel sperensia di insinu bilingui rializadu na skola tivi na bu vida unkantu prusora? (Qual foi o impacto que a experiência do ensino bilíngue realizado na escola teve na sua vida enquanto professora?)

R: “Pa mi kel sperensia bilingui duranti tudu nha anu di sirvisu foi um sperensia, mas inkrivel kim tivi unkuantu prufissora, pois kel sperensia li djuda na aprendizagi di nós alunos na kabu verdi, unton keli foi um sperensia kim ka ta konsigui spresa ku palavras o kim ta xinti, pamodi mim n’ta trabadjaba mi ku nha colega, ami n’ta ministraba aula di língua purtuguesa i nha colega aula di língua kabuverdianu, kel insinu li djudan txeu na aula di língua purtuguesa”.

“Para mim essa experiência bilíngue durante todo ano de serviço este foi a experiência mais incrível que já tive enquanto professora, pois essa experiência ajudou na aprendizagem dos nossos alunos aqui em Cabo Verde, então este foi uma experiência que não consigo expressar com palavras o que eu senti, porque trabalhava eu e o meu colega eu ministrava a aula na língua portuguesa e meu colega na língua Caboverdiana, este ensino me ajudou bastante na aula de língua portuguesa”.

Bu tá atxa ma kel insinu li tá impata na aprendizagi di alunus/as ku relason a língua purtugues? Você acha que esse ensino impata na aprendizagem dos alunos/as em relação a língua portuguesa?

R: “Nau, pelo kontrariu, ta djuda na aprendizagi di língua purtugues, ta djuda y mutu na aprendizagi di língua purtugues na kabuverdi. So ken ki ka vivensia kel isperensia ki ta afla ma insinu na língua krioulu ta trapadja na aprendizadu di língua purtugues, insinu na língua kabuverdianu podi y debi ser inxinadu mesmu pamodi si nu kre pa nós alunus preni língua purtugues primeru nu tem ki inxinal a conxi si propri língua, ki eh nós língua maternu. Pamodi asi ta djuda alunus a distrinsa kriolu di purtugues ta djuda txeu, ta fasi kon ki alunus konsigui distrinsa kes doz línguas kriolu y purtugues, kel insinu pa mi ka dibia paraba.”

“Não pelo contrário, ajuda na aprendizagem da língua portuguesa, ajuda e muito na aprendizagem da língua portuguesa em Cabo verde. Só quem não vivenciou essa experiência é que vai falar que o ensino na língua crioula atrapalha no aprendizado da língua portuguesa, o ensino na língua caboverdiano pode e deve ser ensinado mesmo, porque se queremos que os nossos alunos aprendem língua portuguesa primeiro temos que lhes ensinar a conhecer sua própria língua, que é nossa língua materna.

Porque isso ajuda os alunos a diferencia crioulo de português, ajuda bastante, faz com que os alunos consigam diferenciar as duas línguas o crioulo e o português, é um ensino que para mim não deveria parar deveria continuar”.

Kal ki foi maior difikuldadi ou disafiu ki bu atxa na kel sperensia di insinu li? Qual foi a maior dificuldade ou desafio encontrado por você nessa experiência de ensino?

R: “Odja, ami em si n’ka ta fla mam atxa difikuldadi, pamodi ami sempri n’trabadjá nhas materias na língua purtugues, n’ka ta fla mam atxa difikuldadi, n’ta fla sim ma foi um kontributu, ki djudan trabadjá língua purtugues, sempri um stivi a par di língua kabuverdianu, n’tivi ajuda sim y não dificuldade”.

“Olha eu em si não falo que encontrei dificuldade porque eu sempre trabalhei minhas matérias na língua portuguesa, não falo que encontrei dificuldade falo sim que foi um contributo, que me ajudou a trabalhar a língua portuguesa, língua caboverdiana me ajudou bastante, eu tive ajuda sim, mas não dificuldade”.

A partir dez resposta surgi um otu purgunta ki ka staba na roteiu. A partir dessa resposta surgiu uma outra pergunta que não estava no roteiro. A pergunta foi o seguinte:

Kal ki foi djuda ki prusora tivi? Qual foi a ajuda que a professora teve?

R: “N’tivi djuda pamodi língua kabuverdianu djudam nhas alunus a ten midjor komprenson di língua purtugues, keli foi djuda ki língua kabuverdianu ofereci distrinsa um língua di kelotu, djuda alunus a komprendi matéria midjor. Nada midjor ki inxina alunus na ses propi língua dipoz pa inxina na otu língua, alunus passa ta intendi midjor”.

“Eu tive ajuda porque língua caboverdiana ajudou meus alunos a ter melhor compreensão da língua portuguesa, essa foi a ajuda que a língua caboverdiana me ofereceu diferenciando uma língua da outra, ajudou os alunos a compreender melhor as matérias (conteúdos), nada melhor do que ensinar os meninos na sua própria língua depois para ensinar uma outra língua o aluno passa a entender melhor”.

Eu fiz uma afirmação, dizendo o seguinte: **Isu ta djuda prisipalmenti na fazi di alfabetizason! Entrevistada rispondi o seguinte** (Isso ajuda principalmente na fase de alfabetização!), entrevistada respondeu o seguinte:

R: “Djuda txeu, anós era doz prusor na sala, prusor ta trabadjaba tudu kontiudu na língua kabuverdianu, ami n´ta trabadjaba u mesmu kontiudu na língua purtugues, por exemplu na fazi di alfabetizason na primerus dias nu ta fazi apresentason di 8 ora ti 10 ora, prusor di língua kabuverdianu entra na sala y da aula, na apresentason ku alunus eh ta purgutaba por exemplu “modi ki nhos txoma, alunus ta rispondi nha nomi eh flanu.

Unton oras ki mim bai trabadja ku alunus na sigundu tempu n´ta atxaba alunus dja fazi apresntason na kriolu n´ ta botaba alunus pa fazi mesmu kusa só ki na língua purtugues, modi ki nhos sta, modi ki bu txoma... y alunus ta rispondeba na maior flues, nha nomi eh... n´ta mora ta tal lugar...Kela ta poi alunus a tem um midjor konhesimentu sobri língua kabuverdianu asi komu língua purtugues, keli eh mutu bom, nós língua ta djuda txeu”.

“Ajuda bastante, éramos dois professores na sala, o professor trabalhava todo o conteúdo na LCV e eu iria trabalhar o mesmo conteúdo na língua portuguesa, por exemplo na fase de alfabetização nos primeiros dias a gente faz a apresentação de 8 horas até 10 horas o professor da LCV entra na sala e dá aula, na apresentação com os alunos exemplo ele perguntava para os alunos como você chama? alunos respondem, meu nome é fulano.

Então quando eu for trabalhar com os alunos no segundo tempo encontrava os alunos já terem feito apresentação no crioulo, e coloca os alunos para fazerem a mesma coisa só que na língua portuguesa, “Como vocês estão?...como é teu nome?...”, e os alunos respondem com maior flués o meu nome é... eu tenho tantos anos, morro em tal lugar, os alunos vão ter um acontecimento na LCV como da LP, isso é muito bom, a nossa língua ajuda bastante”.

Bu recebi algun formason specifiku, antis ou duranti kel projetu li pa bu podi atua na kel ixperensia di insinu li? Recebeu alguma formação específica, antes ou durante o projeto para atuar na experiência do ensino bilíngue?

R: “Nu recebi um formason di poku tempu, mas nu recebi, durante um ou doz simana um ka sa lembra mutu bem, foi na Praia, kom a mentora di projetu, ala nu trabadja nós só ku akomanhamentu di mentora, unton sempri nu anda asi di mó dadu pa ki nu podi trabadja, prisipalmenti prusor ki sa trabadja ku língua kabuverdianu. Ku relason a língua purtugues tinha kontiudus, inkuantu ki prusur tinha ki adaptaba pa podi trabadja u mesmu kontiudu.”

“Formason foi antis di projetu inisia , tem bez ki nu ta baba fazeba planificason ku otu scola ki també tinha insinu bilingui, nu tivi um formason specifiku só pa trabadja ku insinu bilingui pa trabadja im simultaniu ku língua kabuverdianu y ku língua purtugues, isu era nesesariu formason foi só pa inisia pamodi nu ka tinha formason pa trabadja ku língua kabuverdianu unton por isu ki prusura J. ta fikaba sempri em kontatu ku prusor z, dipoz mi ku prusor z nu ta baba trabadjaba durante simana, ken ki ta ministraba formason era propi prusora J., n’ka ta lembra si tinha otu pessoas lá mas el es staba na frenti”.

“Recebemos uma formação de pouco tempo mais recebemos, durante uma ou duas semanas não me lembro muito bem foi na Praia (Capital do país), lá trabalhamos sozinhos com acompanhamento da mentora do projeto então sempre andamos assim de mãos dadas para podermos trabalhar principalmente o professor que estava trabalhando com a LCV. Em relação a LP tínhamos o conteúdo enquanto que o professor tinha que adaptar para poder trabalhar os mesmos conteúdos.

Formação foi antes do projeto iniciar as vezes íamos fazer a planificação com a outra escola que também trabalhava o ensino bilíngue, tivemos uma formação especifica só para trabalhar o ensino bilíngue, para trabalhar em simultâneo a LCV com a LP isso era necessário, tivemos essa formação antes durante não me lembro se foram duas ou três semanas, depois iniciamos foi só para iniciar porque não tínhamos formação para trabalhar com a LCV, então foi por isso que a prof. J ficava sempre em contato com o professor z, depois eu e o prof. z íamos trabalhar durante a semana. Quem ministrava formação era a própria prof. J, eu não me lembro se tinha outras pessoas lá, mas ela estava na frente”.

Na bu konsepson insinu bilingui dibia kontinuaba. Si sim pamodi? Na sua concepção o ensino bilíngue deveria continuar. Si sim porque?

R: “Ami sempri n’difendi ki insinu bilingui dibia kontinuaba, djuda alunus bastanti na aprendizagi di língua purtugues, n’ta fla pa isperensia propi n’tivi bons alunus sem tem txeu dificultadi, por exemplu kes alunus ki ta staba na scola bilingui ku alunus ki ka ta staba na sala bilingui, unton nu tivi mutu, mas midjoris risultadus em termus di língua skrita y em termus di língua faladu”.

“Eu sempre defendi que o ensino bilíngue deveria continuar, ajuda os alunos bastante na aprendizagem da língua portuguesa, eu digo isso por experiência própria tivemos bons alunos sem ter tanta dificuldade por exemplo os alunos que estavam na escola bilíngue com os

alunos que não estavam na sala bilíngue então tivemos muito, mas melhores resultados em termos da língua escrita e em termos da língua falada”.

Kal ki foi kes adaptasons fetu duranti kel ensinu? Quais foram as adaptações feita ao longo desse ensino?

“Odja um ka sabi, prusor z tem mas propriedadi pa falou disu, mas n’ta falou di um pikenu adaptason ki nu fasi, nu tivi ki dividi orario, prusor z ta trabadjaba di 8 a 10 ora, por exemplu eh ta trabadjaba ku disciplinas di matimatika, língua purtugues, idukason, musical, idukason artististiku, idukason física, ciências intigrada, mas matimatika y língua purtugues nu ta trabadjaba tudu dia.

“Olha isso eu já disse o professor z tem maior propriedade para falar disso, mas vou falar de uma pequena adaptação, tivemos que dividir o horário o professor z trabalhava das 8 às 10 por exemplo ele trabalhava disciplinas, matemática, língua portuguesa, ciências integradas, educação musical, educa física e educa artística tudo tínhamos que adaptar o horário só que a matemática e a língua portuguesa tinham que ser todos os dias tínhamos que trabalhar a língua portuguesa”.

Modi ki dadu skolha di material didatikus pa insinu bilingui? Como se deu a escolha de materiais didáticos para o ensino bilíngue?

R: “n’sabi modi ki dadu scolha di material didatikus, pami mim ta trabadjaba insinu normal, prusor z ta splikou isu mijdor. Ami n’ta fazeba planifikason djuntu ku otus kolegas ku isu n’ta lebaba prusor z, kel planifikason era pa ke odjaba ki kontiudu ki as serba trabadjadu, asi pé podi odja se podi fasi adaptason pamodi el eh ka tinha matiraial, era material di língua purtugues ke ta adaptaba pés podi trabadja língua kabuverdianu. Prusora J. també ta daba el material”.

“Não sei como se deu a escolha dos materiais porque eu trabalhava o ensino normal, o professor z explica isso melhor. Eu fazia a planificação juntamente com os demais colegas com isso ela levava o professor z a planificação para ele poder ver o conteúdo que estava sendo trabalhado, assim para ele ver se poderia fazer alguma adaptação, ele não tinha material era material de língua portuguesa que ele adaptava para poder trabalhar língua caboverdiano, não só isso prof. J. também lhe fornecia materiais”.

A partir dez rusposta um purguntal o siguinti (a partir dessa resposta lhe perguntei o seguinte)

Kes material dja era tudu traduzidu (os materiais já eram todos traduzido?)

" Sin, dja era tudu traduzido prusora J. trabadja ku lingua kabuverdianu na Purtugal, logu eh pruveita di kes material ke tá trabadjaba kual pé manda pa prusor, ten livrus di storias di Lobu ku Xibinhu ke tudu traduzidu na kriolu, ten alguns livrus ki dja era na kriolu ke tinha, ten um prusor ki tá papia txeu na tilivison sobri kiston di língua kabuverdianu el eh ta djudaba ku material si nomi eh xx eh djuda txeu kel prujetu li. Kel insinu li djuda txeu tantu na pruduson oral komu na skrita. Eh tivi ki pega storias y trabadja ku alunus al vez era storias ki alunus ta lebaba di kasa, storias ki ses pais tá kontaba es na kasa, eh ta pegaba storuas kansons tudu ki tá utilizadu na língua kabuverdianu eh ta proveitaba pés trabadjaba pamodi si nau eh ka tá tinha material sufisienti pé trabadja.

Por exemplu tivi um bez kin bai sisti aula di prusor undi ke poi alunus pa konta storias depois ami um poi kes mesmu alunus pa konta kel mesmu storia só ki na língua portugues foi txeu interesanti."

“Sim já eram tudo traduzido professora J. trabalha com língua caboverdiano em Portugal, logo aproveitava dos materiais que ela trabalhava para enviar para professor, as vezes o professor aproveitava os materiais para traduzir, tem livro de estória de LOBO E CHIBINHO que é tudo no crioulo, tem alguns livros que já era no crioulo que ele tinha, existe um professor que fala muito na televisão sobre questão de língua caboverdiano ele ajuda com os materiais o nome dele é xx, dava muito esse projeto, o ensino ajuda muito na produção oral assim como escrita.

Ele teve que pegar as estórias e trabalhar com os alunos, as vezes estórias que os alunos levavam da casa, estórias que os seus pais lhes contavam na casa, pegava estória, canções tudo o que utilizamos na língua caboverdiano ele aproveitava para trabalhar porque senão ele não iria ter material suficiente para trabalhar, ele trabalhava dessa forma com os alunos. Por exemplo uma vez fui assistir a aula com ele, e ele colocou os alunos para contar uma estória depois eu coloquei os mesmos alunos para contar a mesma estória em língua portuguesa agora, foi muito interessante”.

Kal foi risultadu obtidu duranti kel ensinu li? Quais foram os resultados obtidos ao longo desse ensino?

" Pa mi risultadu foi bon, txeu pusitivu, un ka podi papia pa prusor z, mas di forma geral el eh tá konsidera ma prujetu foi bon y ku risultadu pusitivu, foi anu kin tivi midjoris risultadus ku língua portugues pa parti di alunus tantu na skrita komu na oralidadi. Nu

ta pensa sempri na kriolu, mas na mumentu di skrita nu ta skrebi na portugues, mas ku insinu bilingui mininus pensa na kriolu y skrebi na kriolu. Insinu bilingui fasi ku ki alunus konsigui identifica erus di skrita ku, mas fasilidadi di ki oras kes tá skrebeba só na língua portugues. Ku relason a lé tambi risultadu foi mutu bon até ki djentis di ministério di idukason bai skola y fasi komparason ku alunus ki staba na turma bilingui ku alunus ki staba na turma normal, logu es percebi ma alunus ki staba na turma bilingui ten midjor risultadu na kel anu letivo. Es tinha trabadju ku alunus di 1° anu a 4° dipoiz di 5° a 6°anu, um ka tá lembra si prusor dipoiz da aula el só pamodi mim muda di skola".

“Para mim o resultado foi muito, muito positivo não posso falar por professor z, mas de uma forma geral ele considera que foi um projeto bom com resultado positivo, foi ano em que eu tive maiores resultados com a língua portuguesa por parte dos alunos, tanto na escrita como na oralidade. Pensamos sempre no crioulo, mas no momento da escrita escrevemos em português, mas com o ensino bilíngue os meninos pensam em crioulo e escrevem em crioulo.

O ensino bilíngue faz com que os alunos consigam identificar os erros da escrita com maior facilidade do que quando aprendem somente na língua portuguesa.

Com relação a leitura o resultado também foi muito bom, até fizeram uma comparação, o pessoal do ministério da educação foram para a escola e fizeram comparação entre alunos que estudavam no ensino bilíngue e os alunos de turmas normais então logo perceberam que os alunos da turma bilíngue tiveram maior resultado durante aquele ano letivo, tinham trabalhado o ensino bilíngue do 1° ao 4°ano depois 5° e 6° ela não lembra se o professor continuou sozinho, porque a professora tinha mudado de escola”.

Dipoz di alguns anos modi ki prusora ta xinti vistu ki ka ten mas kel ensinu li
(Após alguns anos como a professora se sente visto que não existe mas esse ensino).

"R: Di momentu um fika txeu tristi kuandu un sabi ma projetu ka sa kontinuaba mas, un komenta ku prusor z ma kel projetu li dibia kontinuaba pamodi kuandu otus skolas fika tá sabi es bai fasi adaptason també pamodi na komeso era na skola di Ponta d' agu y Flamengus dipoz na otu anu otus prusoris komesa ta implimenta kel projetu li mas di um otu manera era só un prusor ki tá trabadjaba tudu doz língua dentu di sala.

Mas mesmu asin es konsigui ten bons risultadus, tudu alguém fika tristi ku fim di projetu, por exemplu ten mininus ki ka ta konsigui adapta ligu ku língua portugues, mas oras ki bu komesa inxinas dez inisio na língua portugues logu es tá xinti mas avontadi

pelo papia. Y dipoz bu tá komesa intruduzi otu língua es tá ten midjoris risultadu, al vez alunus ta fikaba ku recesiu di papia portugues pa ka era pamodi kolegas ta ri.

Mas ku língua krioulu alunus ta fika mas abertu pa spresa, alunus logu na komesu di aula es tá purguntaba si aula era na língua kabuverdianu ou na língua portugues es tá fikaba tudu kontenti y motivadus oras ki aula era na língua kabuverdianu, oras ki era prusor z es tá papiaba na Kriolu oras ke era mi es tá papiaba na portugues, unton kes prendeba distrinsa dez di primeru anu kel dois língua. Kel sperensia li dibia ser vivida pa otus prusoris".

“De momento fiquei muito triste quando soube que o projeto não iria continuar, mas, eu comentei com o professor z que esse projeto deveria continuar, porque quando outras escolas ficaram a saber foram adaptar também porque no início era a escola de Ponta d’Água e Flamengos depois no ano seguinte outros professores começaram a implementar esse projeto também mas num formato diferente. Era apenas um professor a trabalhar as duas línguas a sala de aula.

Mas mesmo assim conseguiram ter bons resultados e todos ficaram triste com o término do projeto, por exemplo tem meninos que não conseguem adaptar logo com a lingua portuguesa, mas quando você começa a ensiná-lo desde o início na sua língua este sentem mais à vontade para falar. Quando ele sentir mais à vontade para falar depois você começa a lhe introduzir outra língua, ele vai ter melhor resultado, as vezes os alunos ficavam com receio de falar o português para não erar pelo fato dos colegas dar rizada.

Mas com o ensino da língua caboverdiano os alunos ficam mais aberto para expressar, os alunos no início da aula perguntavam se a aula vai ser na língua caboverdiano ou língua portuguesa eles ficavam todos felizes e motivados quando a aula era na língua caboverdiano, quando era professor z eles falavam em crioulo, quando era eu falavam em português, então eles já sabiam diferenciar desde o primeiro ano de ensino as duas línguas. Essa experiência deveria ser vivida por outros professores.

Entrevistado z

Entrevistadu z, respondi o seguinte. Entrevistado z, respondeu o seguinte:

Kal ki foi impatu ki kel sperensia di insinu bilingui rializadu na skola tivi na bu vida unkuantu prusor? Qual foi o impacto que a experencia do ensino bilingue realizado na escola teve na sua vida enquanto professor?

“Tivi impatu bastante ppositivu, alunus foi priparadu pa trabadja im simultaniu na doz línguas, alunus tivi opurtunidadi di skrebi u kes ta spresaba na kasa”.

“Tive impacto bastante positivo, alunos foram preparados para trabalhar em simultâneo nas duas línguas, alunos tiveram a oportunidade de escrever o que eles expressavam em casa”.

Bu atxa ma kel insinu li tá impata na aprendizagi di alunus/as ku relason a língua purtugues? Você acha que esse ensino impata na aprendizagem dos alunos/as em relação a língua portuguesa?

R:” Insinu bilingui ami pessualmenti um odjal komu um vantagi”.

Kal ki foi maior difikuldadi ou disafiu ki bu atxa na kel sperensia li? Qual foi a maior dificuldade ou desafio encontrado por você nessa experiencia de ensino?

R:” Disafiu foi mostra u ladu bom dez prujetu li, era ku material em si, formason di prufisoris, na inisiu nu tivi incorojamentu, mas dipoz kaba pa perdi tivi mudanças di pulitika ki kaba pa influensia”.

“Desafio foi mostrar o lado bom desse projeto, era com materiais didáticos em si e formação de professores, no início tivemos encorajamento mais depois foi se perdendo tive mudanças de políticas que acabou influenciando”.

Bu recebi algun formason specifiku, antis ou durante kel prujetu li pa bu podi atua na kel sperensia di insinu li? Você recebeu alguma formação especifica, antes ou durante o projeto para atuar na experiencia do ensino bilingue?

“Durante kel prujetu nu tivi varius formason, ki ta djudanu na manera ki nu ta produzi matrial didatiku, na manera ki nu ta aplika kes informasons cordenadu pa língua kabuverdianu també y a língua purtuguesa komu língua segunda, unton kel formason permiti ki nu trabadja ku kes alunus duranti kel periudu”. “Durante esse projeto tivemos formações que nos ajudaram na maneira que vamos produzir materiais didáticos, na maneira que podemos aplicar informações coordenadas pela língua Cabo verdiana também, e a língua portuguesa como língua segunda, tivemos formação que nos permitiu trabalhar com os alunos durante aquele período”.

Formason kontsi na Praia neh! Formação aconteceu na Praia (capital do país) né!

Entrevistadu, rispondi o seguinti. Entrevistado z respondeu o seguinte:

“Sim, sim! Y eh ku parceria ku universidadi UNICV (Universidade de Cabo Verde), unton nu tivi formason na kel sentidu la.”

“Sim, sim, em parceria com universidade UNICV (Universidade de Cabo Verde), então teve uma formação nesse sentido aí”.

A partir dez rusposta di prusor surgi um novu purgunta ki ka staba na roteio. A partir da resposta do professor surgiu uma outra pergunta que não estava no roteiro

Foi kantu tempo di formason? (Foram quanto tempo de formação?)

Entrevistadu z, ruspondi o seguinte. Entrevistado z, respondeu o seguinte:

“Formason era tudu fin di semana, nu tivi praticamenti doz ou trez mez di formason”. Formação era durante todo final de semana, tivemos praticamente dois ou três meses de formação. **Foi prusor y prusora x ki foi selesionadu pa participa di projetu ou nhos disponibiliza pa participa?** (Foi professor e a professora x que foram selecionadas para participar desse projeto ou vocês disponibilizaram para participar?)

R: “Di inisio ouvi disponibilidade di scola, scola ki foi scodjidu pa participa di spensia pilotu, unton foi colokadu a disposison di prusoris ki tivesi disponível pa participa di foramson pelos menus pa formason inisial”

“De início houve disponibilidade da escola, a escola que foi escolhido para participar da experiência piloto, então foi colocado à disposição de professores que estivessem disponíveis para participar da formação, pelo menos para formação inicial”.

A partir di resposta di prusor surgi um otru purgunta ki també ka staba na roteiu di perguntas pa entrevista. A partir da resposta do professor surgiu uma outra pergunta que também não estava no roteiro de perguntas para entrevista.

Buta atxa ma tempu ki tivi di formason foi sufisienti, ou bu atxa ki tinha ter mais tempo? (Você acha que o tempo que teve de formação foi suficiente ou você acha que tinha que ter mais tempo?)

R: “Nau kel formason pelos menus pa kes primeru kuaru anu di projetu kel formason, era um formason ki pa mi era suficiente pa nu trabadja kual, pelos menus pa kes primeru kuaru anos, agora ku tempu nu ta tinha formason konitua”.

“Não, essa formação pelo menos para os quatro anos de projeto, para mim essa formação foi suficiente para trabalhar pelo menos os primeiros quatro ano, agora com o tempo deveríamos ter formação continua”.

N´fasi mais um purgunta ki ka staba na roteio (fiz mais uma pergunta ki não estava no roteiro). **N´pergunta o seguinte, foi prusora J. ki da formason ou otu prusor?** (Foi a professora J. que deu a formação ou outro professor?).

R: “Di inisio prusora J. participa di kel formason di inisio, mas na kel formason ki nu tivi duranti trez mez Ministeriu di Iducacon, unton ku parceria ku UNICV, kes tinha prusor di UNICV ta da kel formason. Go konstatimenti nu tivi siminarius ku participason di pessoas di strangerus di otus parcerus també, nu tivi siminarius ao longu di kel projetu.”

“Do início professora J. participou na formação de início, mas na formação que tivemos durante três meses Ministério da Educação em parceria com a UNICV para dar formação. Agora constantemente tivemos seminários com participação de pessoas estrangeiras e outros professores também, tivemos alguns seminários ao longo daquele projeto”.

Abo dja bu tinha formason na kel areia li di língua Cabo verdiano? (Você já possuía alguma formação nessa área de língua Cabo Verdiano?).

R: “Ami pessualmenti nha formason eh ka di kel aria lá mas mim mostra disponível na trabadja ku alunus na língua kabuverdianu, mi ki oferesi diretamente pamodi nenhum di keslotu prufissoris ka oferesi pa trabadja ku língua kabuverdianudi mi por curiosidade mesmu, por vontade, por gostu.

Y ku kel formason ki nu tivi nu dadu orientason pa trabadja ku kes alunus, mas mim ka tem formason specifiku na língua kabuverdianu nau, ami nha formason eh di educason artistiku. N´tinha kolega també ki ta staba na kel projetu di Ponta d´agu mas el era formadu na língua di literatura kabuverdianu ke tivi na UNICV, prusor F. ki trabadja ku es projetu na scola di Ponta d´agu”.

“Eu pessoalmente a minha formação não é nessa área, mas mostrei disponível para trabalhar com alunos na língua Cabo verdiana, eu ofereci diretamente porque nenhum dos outros professores tinham oferecido em trabalhar com língua caboverdiano, eu por curiosidade mesmo, por vontade por gosto.

Com a formação que tivemos nos foi dado orientação para trabalhar com aqueles alunos, mas eu não tenho formação especifico na língua Cabo verdiana para trabalhar em si, não tenho formação especifico não minha formação é em educação artística. Eu tinha um colega que também estava nesse projeto ele era de Ponta d´água, mas ele agora é formado língua de literatura Caboverdiana que ele teve na UNICV, professor F. também que participou nesse projeto na escola de Ponta d´água”.

Na bu konsepison kel ensinu bilingui li debia kontinuaba, si sim pamodi? (Na sua concepção o ensino bilíngue deveria continuar se sim porque?)

R: “Ami pessualmenti n´ta odja ma insinu bilingui, ki kel projetu em si debia kontinuaba, komu Ministériu di Idukason tinha planu di alargaba el. Nu inisiu es tinha planu di alargaba el pa otu skola, ami pessoalmente n´odjaba kela ku bons odjus pamodi n´ta odjaba até ki pontu meninus ta baba ganhaba txeu ku kela.

Pamodi aprendi na nóz próprio língua, na nós língua maternu n´ta odja kela tudu komu vantagem pa aprendizagem tantu na keslotus arias pamodi nu sabi ma nu ta pensa na kabuverdianu y dipoz nu ta bai transpol na kelotu língua tudu kela é um isforsu, unton

aprendi em si prendi propri na kabuverdianu oras ki nu studal di manera bilingui kela t abai djudaba txeu prorio mesmo na vantagem di aprendi língua strangeru , n´ta odjaba kela komu um vantagem em si na aprendeba um terceru ou kuartu língua, pamodi era vantagem nu ta pensa na língua kriolu depois nu ta tenta passal na língua purtugues, passal pa inglês, unton konhecendu bem kriolu també era um grandi vantagem”.

“Eu pessoalmente, vejo que o ensino bilíngue, que este projeto em si deveria continuar, o ministério da educação já tinha planos de alargar este projeto. No início o ministério tinha panos de alarga-lo para outras escolas, eu pessoalmente via isso com bons olhos, porque via até que ponto os meninos iriam ganhar com esse projeto.

Porque aprender na nossa própria língua, na nossa língua materna, olhava isso como uma vantagem na aprendizagem assim como para outras áreas porque como se sabe nós pensamos em caboverdiano e depois traduzimos para outras línguas, tudo isso é um esforço, então aprender em si, aprender na língua caboverdiano oras que estudamos de maneira bilíngue ajudaria muito, mesmo na vantagem de aprender língua estrangeira, olhava isso com uma vantagem de aprender uma terceira ou quarta língua, porque pensamos no crioulo e depois tentamos passar para língua portuguesa, para inglês , então conhecendo bem o crioulo seria uma vantagem”.

Kas ki foi kes adaptasons ki nhos fasi ou ki bu fasi nu kasu ao longu di kel ensinu li ?(Quais foram as adaptações que foram feitas ou que você fez no caso ao longo do ensino bilíngue)?

R: “Ami particularmenti n´tenta adapta kes manual ki tinha, sobri tudu kes ki sta skrebedu na purtugues y també alguns storias, adaptasons basikamenti a nível di materiais didatikus ki nu tivi ta reajusta pa nu trabadja sobri tudu parti di língua kabuverdiana.

Pamodi língua purtuguesa em si dja tinha manual didatiku, y també nu tem alguns adaptason di alunos ki komesa bata entra, pamodi a medida ki ta muda di klasi tem alunos ki ta entra em relason a kel turma y nu tivi ki reajusta em relason a kes novus alunos ki ta entra, modi ki nu ta konsigui acompanhas y també trabadja kuas sem pós di ladu pés ka fasi parti di projetu embora es entra na turma por ser tardiamente nu riajusta algun kusa na kel sentidu la”.

“Eu particularmente tentei adaptar aqueles manuais que tinham, sobretudo aqueles que estava escrito em português e também algumas estórias, adaptações basicamente a nível de material didáticos tivemos de fazer reajuste para que possamos trabalhar sobretudo a parte de língua caboverdiano.

Porque língua portuguesa em si já tinha manual didático, e também tivemos algumas adaptações dos alunos que começaram a entrar, porque à medida que em que se tem mudança de classe, tem alunos que entram, como conseguir acompanhá-los e também trabalhar com eles sem que eles possam ser postos de lado sem deixá-los fora do projeto, embora eles terem entrado na turma tarde, nós fizemos reajuste nesse sentido aí”.

Conforme a resposta do entrevistado surgiram uma outra pergunta: **Era alunos di ki clasi?** (Eram alunos de qual série?)

R: “Nu komesa ku primeru anu, nu bai kuartu té kintu anu na quatu té kintu anu tivi algun rotura por kausa di mudansa di governu, unton nu komesa kuas na primeru anu de ensinu básiku”.

“Começamos com primeira 1ª série, depois fomos para quarto até quinto ano, teve alguma rotura por causa da mudança do governo, então começamos com primeira série dos anos iniciais”.

Era kuantu alunos na inisio? (Eram quantos alunos no início?) **Na inisio n´komesa ku 13 alunu, pamodi era kes alunos di kel scola kim ta trabadja y era kel kuantidadi kim tinha na kel momentu, agora ku tempu é b ata aumenta, nu komesa ku treizi alunu li na nha scola tinha otus alunos na scola di Ponta d´agu tinha doz turma, um turma na konselhu di Son Miguel li na Flamengus y um turma na konselhu da Praia na Ponta d´agu”.**

“No início eram 13 alunos, porque eram alunos daquela escola onde eu trabalhava e era aquela quantidade que eu tinha naquele momento, agora com o tempo foi se aumentando, começamos com 13 alunos aqui na minha escola, mas tinha outros na escola de Ponta d´água, tinha dois turma, uma no conselho de São Miguel aqui em Flamengos e outra turma no conselho da Praia Ponta d´água”.

Modi ki da skolha pa material didatxiku na ensinu bilingui? (Como se deu a escolha por material didático no ensino bilíngue?)

R: “Nau material didatikus na kel isinu li na formason ku J. nu orientadu em relason a alguns materiais, unton nu tivi orientasons di ki material nu podi trabadja, di akordu ku níveis di mininus”.

“Material didáticos nesse ensino, durante a formação com J. fomos orientados em relação a alguns materiais, então tivemos orientações de qual material poderíamos trabalhar, de acordo com os níveis dos meninos”.

A partir dessa resposta surgiram uma outra pergunta: **Mas bu txiga di usa otru material para além di kel ki nhos fladu, mas nhos debia trabadja kual, algun material ki bo mesmu bu txiga di produzi ou improvisa?** Você chegou a usar outros materiais para além daqueles que você deviria trabalhar com ele, algum outro material que você mesmo chegou de produzir ou improvisar?

R: “Klaru ki sim, pamodi direktamenti anóz nu dadu alguns orientason di material ka signifika ma nu tinha material kompiladu ki nu intregadu pa trabadja nau, nu dadu orientason di material ki a medida ki nu trabadja nu ta ba ta produzi, unton prusor tinha autonomia di kria material di akordu dentru di parâmetru ki nu tinha, unton é kela ki nu fasi nu kria nós propri material didatiku pa trabadja.

Djan sabi mam tem ki ta trabadja ku um alunu di primeru anu é tem ki preni komesa ta tem kontatu ku língua Kabuverdiana, komesa ta alfabetiza em sim em lingua Kabuverdianu, unton material tem ki ser ku basi na alfabetizason di mininus di primeru anu, unton é kela ki nu fasi nu ajusta kel ki tinha na língua portuguesa nu tenta ajusta pa língua Kabuverdiana”.

“Claro que sim, porque diretamente nos deram algumas orientações de material, isso não significa que não tínhamos material compilado que nos foi dado para trabalhar, nos deram orientação de material que à medida que trabalhássemos iríamos produzir. Então o professor tinha autonomia para criar seu próprio material de acordo com os parâmetros que tínhamos, então fizemos o nosso próprio material para trabalhar.

Eu sabia que tinha que trabalhar com alunos do primeiro ano, eles têm que começar a ter o contato com a língua caboverdiano, começar a alfabetização em si na língua caboverdiano, então matérias tem que ser com base na alfabetização dos meninos (alunos) da primeira série, então foi isso que fizemos, ajustamos o que tinha na lingua portuguesa e tentamos ajustar para língua portuguesa”.

Ki material ki bu txiga abo mesmu di produzi? Quais matérias você chegou de produzir?

R: “Nu traduzi textus, nu kria musikas, nu kria storias, nu kria poesias unton é um konjuntus di matérias ki nu bata trabadja nu bata pruduzi nu bata kria ki nu bata adapta kes matérias di português, nu bata busca livrus di storias kes ki tem, unton é ku basi na kesla ki nu bata trabadja”.

“Nós traduzimos textos, nós criamos músicas, nós criamos histórias, nós criamos poesias, então é conjunto de materiais que trabalhamos, fomos produzindo e criando, fomos

adaptando aqueles materiais em português, buscamos livros de histórias que já existia, então foi com base nisso que fomos trabalhando”.

Kal ki foi risultadus obtidus ao longu di kel ensinu li? Quais foram os resultados obtidos ao longo desse ensino?

R: “Risultadus em si propi kel promotora di projetu ki tivi a parti di fasi kela avaliason, anós nós avaliason nu fasi, mas na basi di alunus, nu txobi kel parti de alunus em si pa nu odja evoluson ki alunu tivi, komparandu di sertu forma ku kes alunus di mesmo klasi ki ta trabadjadu di otu manera. Unton nu kompara nu odja kel avaliason positivo má um avaliason di parti kualitativa, um avaliason, mas a fundu foi propi promotora di projetu ki tivi ta recolha kes dadus pa fasi kel avaliason”.

“Resultados em si próprio foi a promotora do projeto que teve, a partir da fase de avaliação, a gente fez a nossa avaliação com base nos alunos, escolhemos aqueles alunos e com isso percebemos a evolução que eles tinham comparando de certa forma com os alunos da mesma classe, mas que não estavam nesse ensino. Então fizemos a comparação e a avaliação foi positivo, mas uma avaliação concreta tem em vista a parte qualitativa, uma avaliação mais a fundo foram a própria promotora do projeto que fez a recolha dos dados e fazer a avaliação”.

A partir dessa resposta foram surgindo outras perguntas que não constava no roteiro, no qual perguntei o seguinte:

Modi ki era komportamentu di alunus na sala em relason a participason, es ta participaba txeu em termu di leitura y escrita houvi maior desempenho em relason a isso? Como era o comportamento dos alunos na sala de aula em relação a participação, eles participavam mais em termos da leitura e escrita. Ouve maior desempenho em relação a isso?

R: “Kel parti la ki foi suprendenti pa mi, pamodi mi djam trabadjaba algun tempu ku alunus, unton n’odja grandi diferenca ma minis sa partisipaba mutu, mas pamodi es ta tinha kel oportunidadi di um mumentu pa lingua Kabuverdiana y um mumentu pa lingua portuguesa unton alunus ta partisipaba na tudu doz modalidadi isu pamodi antis es tinha só oportunidadi di spresa na purtugues ki umbora inda es ka staba preparadu pa spresa na purtugues.

Unton kela foi um momentu ki nu podi avalia positivamente kel projetu na kel sentidu di partisipason di alunus pamodi tudu kes alunus abertamenti tivi varius mumentus ki nu tivi ki mostra kela pa otrus prusoris, na atividades ki ta fazeda na scola kes menis sempri staba, mas avontadi na participa tantu na purtugues komu na língua Kabuverdianu.

Unton es staba avontadi a participa na kualker aktividade pamodi es mostra kel abertura pamodi es komesa na Kabuverdianu dipoz nu bata alarga, kabuverdianu ao mesmu ki portugues, unton es desenvolvi kel kapasidade midjor di spresa na portugues també, unton kela foi di kes mumentus ki nu avalia ppositivamenti. A participason di alunus na kualker outrus aktividadis independentimenti na turma, mas em si na skola, oji kes alunus dja sta na 9° y 10° unton inda n'tem kontakitu kuas, n'ta acompanhas di sertu forma umbora projetu para n'kontinua ta acompanhas ses desenvolvimentu kes tivi”.

“Essa parte que foi surpreendente para mim, porque eu já trabalhava há algum tempo com alunos, então percebi uma grande diferença, percebi que os alunos meninos estavam participando muito mais porque eles estavam tendo oportunidade de um momento direcionado a língua caboverdiano e outro a língua portuguesa, então os alunos participavam nas duas modalidades no caso, isso porque antes eles tinham só oportunidade de expressar em português.

Então isso foi um momento no qual podemos avaliar positivamente este projeto, no sentido de participação dos alunos porque todos aqueles alunos abertamente tiveram vários momentos, nós tivemos que mostrar isso para outros professores, nas atividades que eram realizadas na escola os meninos sempre ficavam mais à vontade para participarem tanto em português como na língua caboverdiano.

Então eles estavam à vontade para participar de qualquer atividade porque eles mostraram essa abertura porque eles começaram no caboverdiano, depois disso fomos alargando caboverdiano ao mesmo tempo que o português, então eles desenvolveram melhor capacidade de expressão na língua português também, então isso foi um dos momentos que fizemos avaliação positiva. A participação dos alunos em qual quer outras atividades independentemente na turma, mas sim na escola, hoje esses alunos já estão no 9° e 10° (do ensino médio), então até ainda tenho contato com eles, lhes acompanho de uma certa forma, embora o projeto parou eu continuei a lhes acompanhar o desempenho deles).

Y em termu di skrita foi ku basi na alfabetu unifikadu né! (E em termo da escrita foi com base no alfabeto unificado!

R: “Issu, kes menis n'ta nota sima pessoas ta skrevi mesmo palavra mesmo alguém ta skrevel três bez diferente, dja kela ka ta kontisi ku kes minis, es mesmo gosi es ta esforça pés screbi kel kriolu ku regras kel kes premdi, unton nu ta odja kel diferesa grandi”.

“Isso, notei que esses meninos aos contrários das pessoas que escrevem as mesmas palavras três vezes diferentes, isso não acontece com esses meninos, eles agora esforçam para

escrever aquele crioulo com regra, da forma que eles aprenderam, então podemos ver essa grande diferença”.

N’ta acredita ma não só alunus ganha ku kel experencia li komu propi prusur!
Acredito que não só os alunos ganharam com essa experiência como o próprio professor!

R: “É claru ki sim, na kel tempo n’predi txeu a prepara pa trabadja kuas unton foi um grandi vantage pa mi, pamodi sobri tudu na língua mim ka aprendeba sobri língua kabuverdiana, mas unton bata ganha konhesimentu sobri kela, sirbi mesmu pa nha formason”.

“É claro que sim, durante aquele período aprendi muito a preparar para trabalhar com eles, foi grande vantagem para mim porque sobretudo na língua, eu não tinha aprendido muito sobre língua caboverdiano. Então comecei a ganhar conhecimento sobre isso mesmo para a minha formação”.

Após alguns anos modi ki buta xinti tendu em vistu ki ka ixisti mas kel ensinu li?

(Após alguns anos como você se sente, visto que não existe, mas esse ensino?)

R: Eh, ka existi pronto!

Nha diseju era pa kontinuaba nu bai Ministériu, ami diretamente n’fala ku ministra sobri kel situason, mas, ami pessualmente n’fla ku diretora nasional nu sentidu inda pa kontinuaba ku kes alunus né, y mim xinti ti inda n’xinti! mam fasi nha midjor pa ki projetu kontinuaba pa ki língua kabuverdianu kontinuaba ta usadu na ensinu, mas kontinua trankuilu abertu a proximus oportunitadi até n’ta obi més sa bem ku ideia di komesa kual na insinu sigundario.

Ami um kontinua ku língua kabuverdiana tantu na escrita pamodi ami eh tistimudja di jóvá li na organizason ki nu sta nu ta trabadja tem tudu skritu em kabuverdianu n’sta em kontatu tantu ku livros, bíblias enton mi sta konstatimenti em kontatu, n’sta abertu a próximos oportunitadis si parci.

“Não existe pronto!

Meu desejo era que continuasse, fomos para ministério eu diretamente falei com ministra acerca dessa situação, mas eu pessoalmente falei com a diretora nacional no sentido de continuar com aqueles alunos né!

Eu senti e até ainda sinto! mas fiz o meu melhor para que o projeto continuasse, para que a língua caboverdiana continuasse a ser usado no ensino, mas continuo tranquilo e aberto para as próximas oportunidades, até porque ouvi que estão pensando em com a ideia de começar com este ensino no ensino médio.

Eu continuei com a língua caboverdiana tanto na escrita porque eu sou testemunha de Jeová, e aqui na organização onde nós trabalhamos tem tudo escrito em caboverdiano, estou em contato tanto com livros, bíblias, então eu estou em constante contato estou aberto para as próximas oportunidades que aparecerem”.

Falan um pocu di kel comparason ki fazedo entri alunus ki staba ta preni na ensin u bilingui ku kes alunus ki staba ta preni só na purtuguesa? Me fala um pouco daquela comparação que foi feito entre os alunos que estavam aprendendo no ensino bilíngue e os alunos que estavam aprendendo só em português?

R: “Kel komparason foi pa avaliason, eh mas pa avalia diferenca di aprendizagem ki as kontise y propi kel promotora di projetu prusora J. stebi ta kria um fixa pa aplikal na alunus ki es trabadja na projetu y també na kes alunus di mesmu anu di mesmu skola pa odja modi ke ses evoluson, y foi claramente positivu”.

“Essa comparação foi para avaliar e foi mais para avaliar diferença de aprendizagem que tinha acontecido, e a própria promotora do projeto professora J. esteve a criar uma fixa para aplicar nos alunos que eles trabalharam no projeto também nos alunos do mesmo ano, da mesma escola para verem como foi a evolução, e claramente foi positivo”.